



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA**  
**ESCOLA NORMAL SUPERIOR - ENS**  
**LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**MIGRAÇÃO E A TERRITORIALIDADE DOS JUDEUS NA AMAZÔNIA:  
INFLUÊNCIAS E MUDANÇAS CULTURAIS NA CIDADE DE MANAUS/AM,  
AMAZÔNIA OCIDENTAL**

**MAURÍCIO GABRIEL LOPES MARINHO**

**MANAUS-AM**  
**2022**



**MAURÍCIO GABRIEL LOPES MARINHO**

**MIGRAÇÃO E A TERRITORIALIDADE DOS JUDEUS NA AMAZÔNIA:  
INFLUÊNCIAS E MUDANÇAS CULTURAIS NA CIDADE DE MANAUS/AM,  
AMAZÔNIA OCIDENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso entregue ao Curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas/UEA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Geografia.

**Orientadora:** Profa. Ma. Francilene Sales da Conceição.



### **Ficha Catalográfica**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

M338m Marinho , Maurício Gabriel Lopes  
Migração e a Territorialidades dos judeus na Amazônia :  
Influências e mudanças culturais na cidade de Manaus  
Am, Amazônia Ocidental / Maurício Gabriel Lopes  
Marinho . Manaus : [s.n], 2022.  
57 f.: color.; 30 cm.

TCC - Graduação em Geografia - Primeira Licenciatura  
Licenciatura - Universidade do Estado do Amazonas,  
Manaus, 2022.

Inclui bibliografia

Orientador: Francilene Sales da Conceição

1. Migração . 2. Territorialidade. 3. Judeus. 4.  
Cultura . 5. Manaus-AM. I. Francilene Sales da  
Conceição (Orient.). II. Universidade do Estado do  
Amazonas. III. Migração e a Territorialidades dos judeus na  
Amazônia

**Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463**



**MAURÍCIO GABRIEL LOPES MARINHO**

**Migração e a Territorialidade dos Judeus na Amazônia: Influências e Mudanças  
Culturais na Cidade de Manaus/Am, Amazônia Ocidental**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente: Prof<sup>a</sup>. Msc. Francilene Sales da Conceição - UEA

---

1<sup>o</sup> avaliador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcela Vieira Pereira Mafra - UEA

---

2<sup>o</sup> avaliador: Prof. Msc. Sergio Carvalho de Lima –  
SEDUC/AM

Manaus, 17 de maio de 2022



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA NORMAL SUPERIOR

### CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Ata de apresentação oral de monografia do aluno Maurício Gabriel Lopes Marinho de Licenciatura em Geografia da Escola Normal Superior em 17 de maio de 2022.

Ao décimo sétimo dia do mês de maio do ano de dois mil e vinte e dois, às 15:30 horas na Sala Rosa Branca da Escola Normal Superior, o aluno **Maurício Gabriel Lopes Marinho**, realizou a sua apresentação de monografia intitulada **“MIGRAÇÃO E A TERRITORIALIDADE DOS JUDEUS NA AMAZÔNIA: INFLUÊNCIAS E MUDANÇAS CULTURAIS NA CIDADE DE MANAUS-AM, AMAZÔNIA OCIDENTAL”**. A banca de defesa foi constituída pelos seguintes membros: Presidente Profa. Ma. Francilene Sales da Conceição, Avaliador Interno Profa. Dra. Marcela Vieira Pereira Mafra (ENS/UEA), Avaliador Externo Prof. Me. Sérgio Carvalho de Lima (UFAM/SEDUC-AM). A presidente deu início a sessão convidando os membros da Banca e o graduando para tomar assento e iniciar a apresentação. Após apresentação, foi feita a arguição pelos membros que ao final reuniram-se para decidir que o aluno foi ..... *aprovado*....., com a nota ..... *9,6*..... A sessão foi encerrada e assinada pelos membros da banca e pelo graduando. Manaus, 17 de maio de 2022.

*Francilene Sales da Conceição*

PROFA. MA. FRANCILENE SALES DA CONCEIÇÃO  
(Presidente)

*Marcela V. P. Mafra*

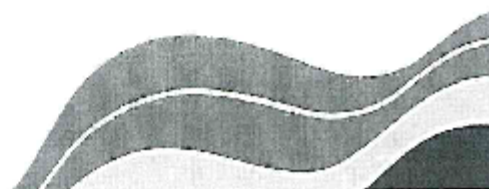
PROFA. DRA. MARCELA VIEIRA PEREIRA MAFRA  
(Membro Interno)

*Sérgio Carvalho de Lima*

PROF. ME. SÉRGIO CARVALHO DE LIMA  
(Membro Externo)

*Maurício Gabriel Lopes Marinho*

MAURICIO GABRIEL LOPES MARINHO  
(Graduando)



*Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial para mim, autor da minha vida. À minha mãe Luciane Lopes Galeno, ao meu pai Jezer Cardoso Marinho, à minha avó Lucy Lopes Galeno e a todos os meus familiares que estiveram presente desde o início desta jornada acadêmica.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que esteve sempre ao meu lado, assistindo a esta longa jornada na minha formação acadêmica, e vem acompanhando todas as etapas da universidade até aqui. Toda minha gratidão também à minha mãe Luciane Lopes Galeno e ao meu pai Jezer Cardoso Marinho, que sempre me deram apoio nessa trajetória. Gratidão ao corpo docente da instituição, em especial, à minha querida orientadora excelentíssima professora Msc. Francilene Sales da Conceição, por todo incentivo e apoio, que foram tão importantes, pois me ajudaram e me ensinaram desde o início deste trabalho. Agradeço também aos meus amigos de curso que contribuíram para o meu crescimento e aprendizado ao longo desses quatro anos, em especial ao grupo composto por minha grande amiga de todas as horas Mirian Ricardo, Alexandre Mota, por me ajudarem sempre nas dificuldades acadêmicas. Às amigas Maria Mayara, Ilma Farias, Júlio Cesar, Wenderson Castro, Wilton Pantoja, Samara Lorena e Jamille Cascaes. Também contei com o auxílio do meu amigo Bruno Cortez, que contribuiu na elaboração cartográfica, e por todos àqueles colegas que conheci na unidade acadêmica da Escola Normal Superior, durante essa vida na Universidade. Com relação à comunidade judaica, agradeço pelas entrevistas que oportunizaram a realização da pesquisa de Campo e toda contribuição do hazan do Comitê Israelita do Amazonas, Dr. Isaac Dahan, que se dedicou ao máximo para informar sobre as abordagens para realização desse trabalho, e também à Dr<sup>a</sup> Anne Benchimol, pois contribuiu com este trabalho no âmbito das pesquisas, que foram de fundamental importância para a construção dos resultados dessa monografia. Aos amigos Pinchas Zeitune, rabino Jaime Pazuello, Gabriel Abensur e Amós Barbosa por todas contribuições. E todos os que me deram apoio e estiveram na minha vida. A todos, o meu mais sincero agradecimento.

"Quem salva uma vida, salva o mundo inteiro."

Talmude



## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender o processo migratório dos judeus para a Amazônia e as influências, mudanças e permanências introduzidas pela cultura judaica nas territorialidades das populações da cidade de Manaus/AM, Amazônia Ocidental. Os objetivos específicos são: analisar o contexto histórico e os motivos que resultaram no fluxo migratório dos judeus para a Amazônia; compreender a territorialidade e território da cultura judaica, representações espaciais do imaginário judeu e as suas influências nas territorialidades da população amazonense; identificar a importância da cultura judaica na Amazônia e transformações sociocultural, econômica e religiosa implementadas na cultura das populações da cidade de Manaus, estado do Amazonas. A área de estudo é correspondente à cidade de Manaus, estado do Amazonas, Amazônia Ocidental. O método empregado nesse trabalho é o dialético, pois as realidades e os fenômenos são compreendidos por meio de oposições e contradições. A metodologia possui uma abordagem qualitativa de caráter descritivo exploratório. Foram realizadas pesquisas bibliográficas que permitiram a compreensão da migração dos judeus para a Amazônia e suas influências e mudanças culturais. Na pesquisa documental, foram consultados os materiais disponíveis na internet (on-line) e impressos que foram fundamentais para compreensão do contexto histórico e os motivos para a migração judaica na Amazônia. Na pesquisa de campo, foi possível fazer uma visita *in loco*, realizar entrevistas não estruturadas (perguntas abertas) e diálogos intersubjetivos com representantes de instituições e sujeitos da pesquisa para a obtenção de coletas de dados, na qual se registrou fatos históricos e a contextualização histórica da cultura judaica na Amazônia. Nesse sentido, os judeus migraram para a Amazônia em busca de novas oportunidades e por estarem sendo alvos de perseguições religiosas e étnicas, processos esses que se concretizaram historicamente. Além do mais, os judeus também foram influenciados pela cultura local, acerca da culinária, como especiarias locais, as modificando pelas festas judaicas.

**Palavras chaves:** Migração. Territorialidade. Judeus. Cultura. Manaus-AM.

## **ABSTRACT**

This work aims to understand the migratory process of Jews to the Amazon and the influences, changes and permanence introduced by Jewish culture in the territorialities of the populations of the city of Manaus/AM, Western Amazon. And as specific objectives: To analyze the historical context and the reasons that resulted in the migratory flow of Jews to the Amazon; Understand the territoriality and territory of Jewish culture, spatial representations of the Jewish imagination and their influences on the territorialities of the Amazonian population; To identify the importance of Jewish culture in the Amazon and sociocultural, economic and religious transformations implemented in the culture of the populations in the city of Manaus, state of Amazonas. The study area corresponds to the city of Manaus, state of Amazonas, Western Amazon. The method employed in this work is the dialectic, as realities and phenomena are understood through oppositions and contradictions. The methodology has a qualitative approach with an exploratory descriptive character. Bibliographic research was carried out that allowed the understanding of the migration of Jews to the Amazon and its influences and cultural changes. In the documentary research, materials available on the internet (online) and in print were consulted, which were fundamental for understanding the historical context and the reasons for Jewish migration in the Amazon. In the field research, it was possible to make an in loco visit, carry out unstructured interviews (open questions) and intersubjective dialogues with institution representatives and research subjects to obtain data collection, where historical facts and the historical contextualization of the culture were recorded. Jewish in the Amazon. In this sense, Jews migrated to the Amazon in search of new opportunities and because they were the target of religious and ethnic persecution, processes that have historically materialized. Furthermore, the Jews were also influenced by the local culture, about the cuisine, like local spices, modifying them by the Jewish festivals.

**Keywords:** Migration. territoriality. Jews. Culture. Manaus-AM.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: A GEOGRAFIA DA MIGRAÇÃO E A TERRITORIALIDADE DOS JUDEUS NA AMAZÔNIA	17
1.1. Migração dos Judeus para a Amazônia: uma breve contextualização histórica	17
1.2. Uma abordagem de território e territorialidade para entendimento da cultura judaica no Amazonas	22
1.3. Cultura Judaica na Amazônia: mudanças, permanências e representações espaciais/culturais.	29
1.3.1. Um das principais festas culturais e representativas dos judeus marroquinos: Mímona.	32
1.3.2. Santos Judeus Marroquinos (TZADIKIM)	33
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
2.1. Área de Estudo	35
2.2. O Método	36
2.3. Procedimentos Metodológico	36
CAPÍTULO 3: A MOBILIDADE ESPACIAL DOS JUDEUS NA CIDADE DE MANAUS, ESTADO DO AMAZONAS	38
3.1. A chegada dos judeus e o processo de reterritorialização	38
3.2. A territorialização da cultura judaica e as influências e transformações na cultura amazonense	45
CAPÍTULO 4: AS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS E A TERRITORIALIDADE DOS JUDEUS NO ESTADO DO AMAZONAS, AMAZÔNIA OCIDENTAL	47
4.1. Religião	47
4.2. Culinária	49
4.3. Economia	52
4.5. Papel e representação das mulheres na cultura judaica	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58

## **APRESENTAÇÃO**

Me chamo Mauricio Gabriel, sou acadêmico de Geografia na Universidade do Estado Amazonas. Tenho uma mãe zelosa, que nunca deixa de falar sobre a importância da garra e da coragem, nas quais eu me encontro nessa luta atualmente como estudante, filho e também um grande sonhador, que busca os seus objetivos, que quer passar em um concurso e ser realizado profissionalmente.

Vale ressaltar que, diante das dificuldades para a aprendizagem, foi possível superar todos os desafios perante a realidade acadêmica, e essa vivência me tornou esse rapaz de apenas 22 anos que vem se esforçando ao máximo, ao longo de todo esse período de curso de graduação na UEA, para obter o título de graduado e dar esse orgulho para a minha família, mostrando que não se deve temer os desafios, mas, sim, ter coragem para enfrentá-los.

## INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso - TCC aborda a formação cultural dos judeus na Amazônia, bem como o contexto migratório que caracterizou a sua imigração para esta localidade. Entende-se que o seu fluxo migratório é destacado geograficamente por meio da distribuição por toda a Amazônia, bem como os processos de desterritorialidade, reterritorialização e territorialização. Assim, destaca-se o processo cultural da religião, da língua, da culinária, da economia e do papel e representação das mulheres na cultura judaica.

A formação social e cultural dos judeus na Amazônia, grupo que aportou os valores e vivências nos quais integraram para formar a atual Região Amazônica. Um desses grupos são os judeus, um povo semítico, também conhecido como hebreus que, nesse meio de tantos povos, se destacou. Também entender o fluxo migratório desses judeus até a sua chegada na Amazônia, especialmente no estado do Amazonas. Outro principal destaque desse trabalho é a temática da migração e a formação da territorialidade e do território. Vale ressaltar as influências culturais que os judeus introduziram nas culturas, na economia e no contexto social das populações locais.

Podemos destacar na pesquisa os motivos de os judeus terem imigrado para a Amazônia: falta de oportunidades e perseguições religiosas e étnicas na Espanha e Portugal. Há também o destaque na cultura local que motivou as pessoas utilizarem muitos símbolos da religião hebraica em suas casas e igrejas e a relação do território e da territorialidade desses judeus em Manaus, desde o ciclo da borracha, e depois do comércio e, consecutivamente, o ciclo de terceira geração dos doutores na sociedade amazonense. Os judeus também foram influenciados pela cultura local em relação à culinária, como especiarias locais, as modificando nas festas judaicas.

Como problemática em estudo, levantou-se as seguintes questões que nortearam esse trabalho: podemos afirmar que os judeus vieram para a Amazônia por vários motivos que desencadearam essa onda migratória, ou seja, a migração judaica se configurou como um processo de expulsão e o que desencadeou? A territorialidade dos judeus resultou em mudanças da cultura local acerca de símbolos e a relação com a comunidade local amazônica, bem como a cultura judaica sofreu influências da cultura amazônica?

Todas essas questões serão trabalhadas por meio do método dialético, pois as realidades e os fenômenos são compreendidos através de oposições e contradições.

A metodologia empregada possui uma abordagem qualitativa de caráter descritivo exploratório. Nesse sentido, foram realizadas pesquisas bibliográficas de Benchimol (2008), Bentes (1981; 1987), Martins (2019), Haesbaert (1999; 2007), Saquet (2009), Gil (2002), Spósito (2004). Também foram feitas revisões teóricas conceituais e metodológicas, que permitiram a compreensão da migração dos judeus para a Amazônia e suas influências e mudanças culturais. Ainda foi realizada ainda a observação direta na sinagoga de Manaus, chamada “beit yiaakov rebi meir”, onde foram registrados fatos históricos e a contextualização históricada cultura judaica na Amazônia.

Além da introdução e considerações finais, o TCC está estruturado em 4 capítulos: o primeiro capítulo discute a migração dos judeus para Amazônia, realizando uma breve contextualização histórica, abordagem de território e territorialidade para o entendimento da cultura judaica no Amazonas, destacando mudanças, permanências e representações espaciais e territoriais. O segundo capítulo aponta os caminhos metodológicos para construção do trabalho, no que tange o método e a metodologia empregada na pesquisa geográfica e a área em estudo como recorte espacial da pesquisa. O terceiro capítulo aborda o processo de reterritorialização dos judeus no Amazonas e a territorialização da cultura judaica e suas transformações na cultura amazonense. O quarto capítulo enfatiza as representações culturais e a territorialidade dos judeus no estado, destacando religião, culinária, economia e o papel e representação da mulher na cultura judaica.

## **CAPÍTULO 1: A GEOGRAFIA DA MIGRAÇÃO E A TERRITORIALIDADE DOS JUDEUS NA AMAZÔNIA**

Neste primeiro capítulo, será discorrido sobre a migração dos judeus para a Amazônia, além de uma abordagem de território e a territorialidade para o entendimento da cultura judaica no Amazonas. Em que essas categorias serão destacadas como uma importante discussão socioespacial e territorial sobre a dimensão econômica, política e cultural, no que tange em relação às vivências e identidades simbólicas desses fenômenos relacionados a origem do território judaico no Amazonas.

Ao fazer uma contextualização histórica da cultura judaica na Amazônia, percebeu-se que a migração dos judeus implementou mudanças, permanências e representações de ordem espacial e cultural, mas também esse processo migratório influenciou outras culturas amazônicas. Em relação a essa discussão, será abordado sobre uma das principais festas culturais realizadas pelos judeus marroquinos, e também sobre o destaque à identidade cultural marroquina, que é a veneração dos santos de deuses marroquinos.

### **1.1. Migração dos Judeus para a Amazônia: uma breve contextualização histórica**

Os países em escala no mundo são compostos por fluxos migratórios, envolvendo imigrantes desde o processo de colonização, que ao entender a formação territorial do Brasil, percebe-se que há pessoas de diferentes cores, etnias e culturas que constituem a nossa sociedade.

Podemos destacar o papel da migração na geografia, a qual um determinado povo ou nação imigra (se desloca) para um determinado país por diversos motivos sociais, culturais, econômicos, políticos e físico naturais, que na maior parte dos casos é excludente e desigual, resultando em uma migração forçada, ocasionando-lhe sua expropriação. Essa mobilidade espacial apresenta um conjunto de fatores que contribui com a migração, definindo-a pela guerra, fome, opressão, catástrofes naturais, dentre outros motivos.

Percebe-se que a migração para outros países é por processos socioespaciais, socioterritoriais e socioculturais, que acontecem no país de origem de determinados migrantes. Tais ações e processos correspondentes aos fluxos migratórios são destacados por Marandola (2011) como fator espacial da imigração, envolvendo tanto os processos geradores de expulsão dos territórios quanto tem provocado metamorfoses no movimento de deslocamento dos fluxos dos migrantes para os países de destino. Nesse sentido, a dimensão espacial desses fenômenos migratórios, na qual envolve relações de poder, é entendida como processo de desterritorialização e reterritorialização.

A organização socioespacial e os reais motivos dos fluxos migratórios dos judeus marroquinos não foram diferentes das demais migrações de populações em ordem mundial, pois considerou diversos fatores que culminaram em tais deslocamentos. Segundo Benchimol (2008), os judeus, ao imigrarem para a Amazônia, demonstraram que suas origens remotam a Sefarad (Espanha e Portugal), termo bíblico, que designa as terras ibéricas. Esses judeus imigraram para o Brasil no século XIX e início do XX e, desde aquela época, constituem a nossa sociedade.

Esses processos foram feitos por vários imigrantes, e isso se iniciou mais intensamente para todos os estrangeiros em 1808, com a abertura dos Portos, facilitando os fluxos não apenas de mercadorias, mas de pessoas. Segundo Benchimol (2008), a família real, fugindo de Napoleão Bonaparte, que invadiu Portugal, transfere-se para o Brasil, com a rainha D. Maria I e o Príncipe Regente D. João, que posteriormente, seria aclamado Rei de Portugal, Brasil e Algarves, em 8 de fevereiro de 1818. Em 28 de janeiro, antes da sua aclamação, foi assinada, em janeiro de 1808 a Carta-Régia da Abertura dos Portos às nações amigas. Um desses foi um tratado de amizade e recíproco comércio e navegação entre as nações amigas e os estrangeiros (BENCHIMOL, 2008).

Destacou-se que os imigrantes das nações amigas começaram a imigrar para o Brasil, principalmente no Norte do país, onde, hoje, se encontram os judeus marroquinos. Essa ideia se situou no reinado imperial até a constituição da república, com novos ideais da economia aos processos de desenvolvimento, o qual se destaca processos agrícolas e depois industriais. Assim: “A imigração é um processo pertencente ao passado, através da idealização do desenvolvimento agrícola e urbano-industrial” (MARTINS, 2019, p.10).

Esse processo que os imigrantes judeus impuseram no território é marcado pela idealização histórica de cunho econômico e social. Agora, esse povo teve seus motivos específicos de chegarem à Amazônia, antes de acontecer todo esse processo migratório.

Destaca-se que os judeus marroquinos foi um grupo que migrou pela busca de melhores qualidades de vida, liberdade religiosa e em virtude das perseguições que sofreram. Quando Bentes (1987) se remete à imigração judaica, pode-se afirmar que, dentre os primeiros imigrantes judeus chegados na Região do Pará na Amazônia oriental, destacou-se o senhor José Benjó, no qual requereu a sua naturalização brasileira, pois queria a licença para comercializar. E que se estabeleceu na rua do Pelourinho, atual 7 de setembro, no ano de 1823, esse senhor Benjó de origem Marroquina.

De fato, essa intensa leva de judeus sefaraditas marroquinos, segundo o processo histórico e as narrativas disseminadas, mostram que veio para buscar uma nova vida, em uma terra com oportunidades e liberdades, ou seja, liberdades religiosas e oportunidades econômicas



para o futuro dos seus filhos e seu crescimento educacional. No Brasil, os judeus não foram considerados como grupo judeu, e sim, inicialmente, como estrangeiros marroquinos (BENCHIMOL, 2008).

O senhor Benjó escolheu o Brasil, porque apesar dos seus percalços internos, ainda, sim, era um país sem opressão, pois os outros países afora eram opressores com o povo semita, incluindo o massivo antissemitismo europeu que corroborou com massacres e os holocaustos. Assim, como afirma Benchimol, (2008), aqueles países que concediam proteção legal e política aos imigrantes judeus eram procurados por eles, a fim de fugir das perseguições. Essas proteções e os incentivos políticos no Brasil beneficiaram os judeus marroquinos por meio de diversas leis.

Observa-se que o Brasil para os judeus se tornaria um espaço estratégico para o desenvolvimento de suas atividades, pois na concepção de alguns judeus, era uma terra promissora como muitos falaram da Amazônia, terras sem males, ou também conhecida como “*eretz Amazônia*”, momento da territorialização judaica. Fala-se de uma liberdade, pois as leis concedidas no império brasileiro, até então, os fazia usufruir o que eles não usufruíram séculos em Portugal, Espanha e Marrocos.

No Brasil, as políticas imigratórias passam por um percurso histórico – e geográfico – que começa ainda no seu processo de "colonização" e se intensifica ainda no período escravocrata. A ascensão do capitalismo industrial, a partir do século XVIII, possibilita, na lógica da produção e reprodução do capital e do trabalho, o movimento mais dinâmico de migrantes entre outras fronteiras e continentes, especialmente da classe trabalhadora da Europa para a América do Norte e do Sul, entre 1810 a 1930. Por essa época que o Brasil recebe, especialmente no auge do sistema cafeeiro, maciços fluxos de estrangeiros do continente europeu (MARTINS, 2019, p. 46).

As políticas imigratórias iniciaram como um percurso histórico, ou seja, houve um processo que possibilitou a chegada desses sefaraditas. Assim, até a sua chegada para a Amazônia, a exemplo de Belém e como porta de entrada até Manaus, tais imigrantes impuseram mudanças significativas, não somente do ponto de vista cultural, mas na estrutura econômica e política.

Os judeus tiveram os seus motivos de se refugiarem em Marrocos e depois imigrarem para o Brasil, como afirma Benchimol, (2008) que nos remete ao exílio dos judeus hispanos portugueses marroquinos. Os judeus na história sempre foram um grupo exilado e um grupo heterogêneo disperso por todo o globo, inclusive em terras lusas. Uma breve contextualização: a sua chegada ao Brasil começou há pelo menos 500 anos atrás, com a sua expulsão da Espanha em 1492.

Posteriormente de Portugal, em 1496 por motivos religiosos e étnicos dos quais sofreram humilhações, torturas e massacres nas judearias ibéricas, e isso não seria diferente no Marrocos, onde foram confinados, sofreram atribulações, humilhações, confisco de bens e também vítimas de massacres, logo esses que, de grande maioria, escolheram o Marrocos pela proximidade com a Ibéria, a qual passaram 300 anos (BENCHIMOL, 2008). A jornada começou desde as terras lusas e espanholas até o norte da África, o qual durou muitos anos, e que essas famílias viriam logo em seguida, começando pela abertura dos portos brasileiros.

“Nessas vilas e cidades, isolados e discriminados nas suas melahs (guetos), iriam passar pelos mesmos sofrimentos e perseguições do passado. Em verdade, saíram da guezará (sentença maldita da Ibéria) para o guehenan (inferno) do Marrocos” (BENCHIMOL, 2009, p. 271).

A realidade no Marrocos, como disse o autor Benchimol (2009), foi uma realidade maldita de exploração desses judeus, na qual foram perseguidos. E agora que o Brasil teve suas levadas estrangeiras entre o século XIX e XX com portugueses, espanhóis, alemães, italianos, árabes e inclusive judeus, entre os quais os marroquinos, que vieram para a Amazônia. Os judeus se sentiam brasileiros, ou seja, muitos pediam a sua cidadania brasileira e já se habilitaram em trazer suas famílias aos poucos.

Segundo Benchimol (2008), as primeiras famílias de judeus se estabeleceram na Amazônia entre 1810 e 1820, quando ainda havia o período das drogas do sertão, que exportava cacau, serralheira, anil, canela cravo, banha de tartaruga e entre outros produtos do extrativismo vegetal e animal, ou seja, o processo de colonização, marcado pela exploração e controle de território.

A borracha nessas décadas ainda era um produto pouco explorado localmente. A primeira geração pioneira aceitou o desafio e foi para o interior – como jovens aprendizes, ambulantes, contratados por firmas judias de Belém e Manaus, em busca de oportunidades e ganho. Eles adentraram o interior da Amazônia, instalando-se com comércios próprios e barracões.

Muitos foram os desafios impostos aos jovens judeus que, apesar de muitas dificuldades, foram adentrando as terras amazônicas aos poucos, com seus barcos e canoas daquela época (BENCHIMOL, 2008). O “futuro promissor” dos judeus era a Amazônia, as quais vieram com novas formas de trabalhos, educação e atividade de comércios.

Para Benchimol (2008), a primeira geração pioneira aceitou o desafio e foi para o interior – jovens aprendizes e ambulantes – contratados por firmas judias de Belém e Manaus, em busca de oportunidades e qualidade de vida, bem como o fortalecimento da vida econômica. Esse processo como Benchimol diz, foi acontecendo aos poucos. Vieram os primeiros judeus a partir da abertura do Brasil, como o senhor Benjó, e muitos outros construíram firmas, e com

a ascensão da borracha foram crescendo e que, através disso, vieram outras levas de jovens judeus que se aventuravam nas calhas amazônicas, até se firmaram, e pedirem noivas judias no Marrocos ou jovens judias que já estavam por aqui, pois a partir desse momento, houve a consolidação e a construção das famílias e empregos para a população judaica.

Vale ressaltar também que essa história migratória demonstra que, ao chegar em Marrocos, já existiam judeus. Esses que não receberam bem seus correligionários exilados da Espanha e Portugal, expulsos e exilados em 1492/1496, os “megocharim” (recém-chegados), paracom os judeus nativos apelidados de “tochabim”. Essa rivalidade se deu não somente por conta de os judeus sefaraditas assumirem liderança das judearias e melah, mas também por eles se destacarem em negócios e suas profissões. “Os judeus nativos empobrecidos por séculos de dominação dos mouros e berberes sem oportunidades de emprego e educação” (BENCHIMOL,2008; BENTES, 1981).

E a chegada desses dois grupos para a Amazônia explicou a rivalidade e divergência deles em diferentes contextos sociais até aqui para a “eretz Amazônia”. Além de todas as discussões sobre a expulsão da Espanha e sua chegada a Marrocos, até a sua chegada ~~ao~~ ~~Brasil~~. Pode-se falar da relação com o Brasil, uma vez que todos os estrangeiros eram escolhidos além dos judeus nesse processo histórico para alavancar a economia.

A política imigratória transformou-se, portanto, em garantia para um futuro promissor. O Brasil deveria se posicionar como avesso ao "estranho" buscando a homogeneidade racial, por sua vez, sustentaria a nação que se formava. A ciência atrelada ao Estado seria a responsável pela criação do futuro Brasil, livre dos entraves representados pelos "maus elementos" que vieram de fora, mas também pela permanência de uma população nativa fraca e doente. A solução era a seleção eugênica e racial dos imigrantes e o abandono das populações à sua própria sorte, levando-as a extinção (PERES, 1997, p. 96).

Pode-se destacar também que o Brasil, com as suas políticas de imigração na época do império, foram estímulos para a imigração europeia, e, que principalmente eram considerados aspectos raciais de entrada no país, os quais visavam o “branqueamento da população brasileira”, pois esse pensamento colonial e racista marcado pela “superioridade” era muito difundido na época, processo esse desigual e excludente.

Esse pensamento colonial, que negava a população local, acreditava na superioridade da população branca. Os judeus, como era um grupo que se enquadrava dentro dos “padrões de branqueamento”, não sofreram discriminações raciais, mas as discriminações religiosas e étnicas se manifestavam.

Segundo Martins (2019), o discurso do branqueamento a partir do século XX torna favorável para o imigrante que vem trabalhar. O fim da escravidão no século XIX, recentemente, e a proclamação da república, marcaram a época, consolidando a entrada de estrangeiros para o Brasil, onde população negra excluída, mesmo com o fim da escravidão, em nada alteraria essa questão. Os negros foram silenciados e ocultados historicamente no Brasil, bem como os povos originários (indígenas), verdadeiros pertencentes e moradores do território brasileiro.

Os judeus, economicamente, trouxeram mudanças para o Brasil, em virtude da sua imigração desde o início do século XIX até o século XX. Desde o período das drogas do sertão até o auge da economia gomífera e seu declínio na sociedade amazonense, as políticas econômicas tanto do império quanto posteriormente da recente república, trouxeram a política racial, social e econômica, como se fosse um avanço para o Brasil. Entretanto, essa política negacionista, colonialista e racista se apresentou como um pensamento equivocado da época, principalmente no que tange ao “branqueamento”, pois o pensamento era de segregação em todos os sentidos, fundamentalmente, dos mais pobres.

Ainda segundo Almeida (2011), a religião combina elementos acumulados no tempo, “herdados”, e elementos adquiridos nas diferentes trajetórias da diaspóricas, geralmente sujeitos a uma reelaboração. Alguns são elementos relativamente estáveis, enquanto outros, relativamente mais dinâmicos. Fazendo parte deste universo religioso, destacam-se também as festas judaicas, que não fugiram aos rearranjos e adaptações.

## **1.2. Uma abordagem de território e territorialidade para entendimento da cultura judaica no Amazonas**

Ao abordar a categoria “território”, destaca-se a importância para a geografia, pois o território nos remete a uma discussão socioespacial/territorial de sua dimensão social, econômica, política e cultural, no que tange suas vivências identitário-simbólica. Esse fenômeno é o indicativo da base de um determinado povo, não somente do ponto de vista material, mas de conotações simbólicas e imateriais, assim sendo um poderio e privilégios de determinados indivíduos e suas culturas.

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *terreoterritor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídica-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo - especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no "temtorium" são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por outro lado, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de plenamente usufruí-lo, o território pode inspirar a identificação (positiva) e a efetiva "apropriação". Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político". Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação (HAESBAERT, 2007, p. 20-21).

Pode-se destacar que, para Haesbaert (2007), o território não é apenas algo simbólico, mas sim algo que tem a haver com a dominação jurídica-política. Além do mais, ele aborda o sentido de dominação por determinado povo, no sentido de segregação, exclusão e expulsão de sujeitos de seus territórios. Assim sendo, é como algo separador e carregado de antagonismos, pois existe diversas culturas dentro de um determinado território, e a harmonia nem sempre existirá, operacionalizando um campo de lutas nos sentidos material (físico) ou imaterial (simbólico).

Para entendermos também sobre o que é o território na categoria da geografia, temos que entender a sua diferença em relação ao espaço:

Está claro, também, na geografia, que espaço e território não são sinônimos. São conceitos diferentes que assumem distintos significados de acordo com cada abordagem e concepção. No Brasil, por exemplo, o espaço geográfico é considerado, em geral, como a grande categoria da geografia, como algo universal, sempre presente na formação de cada lugar, juntamente com o tempo (SAQUET, 2009, p. 75).

Sobre o território, é totalmente diferente do conceito de espaço e os dois não devem ser confundidos. Saquet (2009) destaca que o território é uma construção coletiva e multidimensional de múltiplas territorialidades, e diferencia o território do espaço geográfico por meio de três características principais, que são: as relações de poder, as redes e as identidades; processos espaço temporais que marcam determinadas parcelas do espaço, nas formas área/rede, rede/rede ou área/rede/lugar, ou seja, é dito que a formação do território envolve sempre as formas areais (ou manchas) e reticulares.

Ainda sobre o território, para o autor, é marcado de múltiplas dimensões e territorialidades e uma pluralidade de culturas, e isso gera diversas redes e identidades na sociedade e relações de poder que se tem por essas múltiplas culturas no espaço vivido. Ao entender o território, mostra que este conceito surge como algo material e simbólico, que segundo Haesbaert (2007), o território desde a sua origem vem com um duplo sentido, a conotação material e simbólica. Contudo, território tem a ver com o poder político tradicionalmente usado, alcançando um sentido de dominação e apropriação física e simbólica.

Conforme a historicidade, o território nas diversas sociedades e culturas, é caracterizado por aspectos e domínios territoriais e por relação de poder, envolvendo formas e controle, dominação, uso e apropriação. Na questão política, a diferença é muito unitária. Sabe-se que dentro de um território existem variadas culturas, qualificando-as como multiterritorial. Assim, o autor destaca que nesse processo:

Como decorrência desse raciocínio, é interessante observar que, enquanto "espaço-tempo", o território é sempre múltiplo, "diverso e complexo", ao contrário do território "unifuncional" proposto e reproduzindo pela lógica capitalista hegemônica, especialmente através da figura do Estado territorial moderno, defensor de uma lógica territorial padrão que, ao contrário de outras formas de ordenação territorial (como a do espaço feudal típico), não admite multiplicidade/sobreposição de jurisdição e/ou de territorialidade) (HAESBAERT, 2007, p. 21).

Para o território que vem com múltiplas culturas, e dessas múltiplas culturas a jurisdição do Estado moderno não admite outras jurisdições de outras, tanto que não admite sobreposição da jurisdição tanto do território quanto da sua territorialidade cultural.

Conforme Haesbaert (2007), afirma-se que o território é imerso em relações de dominação de poder ou apropriação sociedade/espaço, ou seja, vai se desdobrando ao longo de uma *continuum* que vai da dominação político-econômica mais concreta e funcional, que é a apropriação mais subjetiva, à cultural simbólica.

O território configura-se no espaço, a partir de uma ação conduzida por um ator sintagmático - aquele que realiza um programa, em qualquer nível da realidade. Ao se apropriar de um espaço, de forma concreta ou abstrata, "[...] o ator 'territorializa' o espaço (RAFFESTIN, 1993, p.143).

Percebe-se que a dominação e apropriação de um determinado território são entendidas conjuntamente, mas a primeira se sobressai em relação à segunda, porque, primeiramente, se domina, e posteriormente, apropria-se dessa realidade material e/ou simbólica. A dominação se apresenta como um campo de forças conflitantes, e com essa força da dominação, se tem a apropriação. Assim, há de se destacar que, no território, as diferentes combinações de culturas (simbólicas), coisas materiais, organização e planejamento político jurídico, bem como uma dimensão social econômica, na qual é, assim, destacada:

Portanto, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de "funções" quanto na produção de "significados". O território é "funcional" a começar pelo seu papel enquanto recurso, desde sua relação com os chamados "recursos naturais" - "matérias-primas" que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s) - como é o caso do petróleo no atual modelo energético dominante (HAESBAERT, 2007, p. 23).

O território possui diferentes combinações, funcionalidades e diferentes significados. Para além disso, a abordagem de território é ampla e necessita não somente de aspectos simbólicos, elementos estes que caracterizam uma determinada cultura, mas o território, economicamente falando, está articulado aos aspectos de dominação jurídico política, que possui o sentido de territorialidade.

A territorialidade, segundo Sposito (et al, 2009), é uma valorização dos recursos potenciais e das suas condições em determinado território em processos de desenvolvimento. O domínio da territorialidade, que aborda os sentidos de determinado grupo, que há conflitos de interesse como o exemplo da territorialidade, foi em sentido econômico e social ou de conflitos armados e em detrimento de outros grupos na economia de determinada sociedade. Assim, a valorização e as disputas pelo potencial econômico do território, forçando gradativamente a migração forçada e a determinação de lutas intensas e constantes por meio do uso das forças que afetam múltiplas territorialidades.

A territorialidade é entendida como valorização das condições e recursos potenciais de contextos territoriais em processos de desenvolvimento, o que pode ser traduzido numa *territorialidade ativa*, que pode ser concretizada através da organização política e do planeamento participativo. A territorialidade é um fenómeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas territorialidades, há continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar (SAQUET, 2009, p. 87-88).

A territorialidade representa um conjunto de práticas socioespaciais que prima pela valorização dos potenciais de um determinado território, sobretudo, dos seus recursos para o desenvolvimento, e também destaca como um fenómeno social de construção de indivíduos em determinadas épocas históricas, ou seja, um aspecto temporal de construção de identidades. Destaca-se, assim, a percepção que o ser humano possuía acerca do território para viver e morar, disseminando os aspectos sociais, simbólicos e culturais que englobam tudo de determinado povo, ou seja, a sua territorialidade entendida como tal.

“A territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações económicas e culturais, pois está "intimidamente" ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar" (HAESBAERT, 2007, p. 22).

A abordagem de território e de territorialidade não deve ser confundida, mas entende que tais categorias geográficas são complementares, uma vez que as relações de poder exercidas

em uma determinada área (dominação e/ou apropriação), bem como suas práticas socioespaciais são dotadas de significados existenciais para determinado povo, classe ou grupo social.

A territorialidade, no nosso ponto de vista, não é apenas "algo abstrato", num sentido que muitas vezes se reduz ao caráter de abstração analítica, epistemológica. Ela é também uma dimensão imaterial, no sentido ontológico de que, enquanto "imagem" ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se refira não esteja concretamente manifestado – como no conhecido exemplo da "Terra Prometida" dos judeus, territorialidade que os acompanhou e impulsionou através de tempos, ainda que não houvesse, concretamente, uma construção territorial correspondente (HAESBAERT, 2007, p. 25).

A compreensão do enunciado destaca que a territorialidade não é algo somente do ponto de vista abstrato e material, todavia, é algo manifestado, político-cultural, e ao mesmo tempo simbólico, como a Terra prometida dos judeus, que tem com detalhe a sua territorialidade como exemplo, ou seja, que os acompanhou pela diáspora mundo afora, e percebe-se que a territorialidade não é algo funcional, ou seja, concreta e sim se mantém como algo imaterial.

Segundo Haesbaert (2007), os judeus vivenciaram esses dois processos ao chegar no Brasil em virtude de uma migração forçada (expulsão), denominada de desterritorialidade. Processo em que um povo sai e se destitui de um determinado território (HAESBAERT, 2007), sendo, portanto, a desterritorialização fruto da expulsão de um povo ou a saída de um determinado local em detrimento da reterritorialização de outro grupo. Como se percebe, essa causa da expulsão de um determinado povo seria por disputas religiosas, étnicas e econômicas ao longo da história.

Os fatos concretos como um indicativo do processo de expulsão de determinado grupo demonstram que um mesmo povo vaga por outras nações e busca um novo sentido para sua vivência e cultura, ou seja, uma nova oportunidade pela busca de um novo território. Assim, esse grupo que irá se territorializar em novas áreas e/ou zonas será reterritorializado no sentido político-jurídico, econômico e cultural. Portanto, a desterritorialização significa como um processo de expulsão e a territorialização como um processo de chegada ou quando um grupo ou o indivíduo se instala em determinado espaço, promovendo a apropriação e a dominação.

Os judeus marroquinos sofreram o processo de desterritorialização, pois vieram desde a Espanha/Portugal e foram expulsos para o Marrocos e, posteriormente, para o Brasil na região Norte, com destaque para os estados Pará e Amazonas. Os judeus foram expulsos de muitos países, a exemplo de Portugal, Espanha e Marrocos como o êxodo sefaradita (BENTES, 1987).



Nesse contexto, a desterritorialização é fruto da expulsão de um povo ou a saída de um determinado local para novos lugares, em detrimento da reterritorialização de outro grupo, como os judeus foram expulsos (HAESBAERT, 2007). Para Benchimol (2008), os judeus oriundos de Portugal e Espanha 1492/1496 sofreram um processo de desterritorialização judaica, e conseqüentemente, a imigração no Marrocos até se passar 12 gerações (300 anos) para a Amazônia, fundamentalmente para Belém.

A coesão lógica desses fatos, mostram que a expulsão dos judeus levou em um sentido cronológico no que tange o sentido de territorialidade e o processo de desterritorialização. Processo esse depois no Marrocos levou a sua saída não apenas por motivos religiosos, porém o fato de maior destaque foi de melhor qualidade de vida para as famílias judaicas, principalmente no Brasil, que não tinham liberdade de culto, existia falta de oportunidade para a melhoria da qualidade de vida e sofriam perseguições. Nesse sentido, pode-se dizer que no Marrocos houve períodos de paz e perseguições ao longo desses quase 300 anos, resultando no processo de desterritorialização.

Os judeus ao chegarem na Amazônia, fixaram-se (territorializaram) na região e começaram aos poucos a estabelecer o sentido da territorialidade, mas não possuía o território em virtude do processo de expulsão em que sofreram, que segundo Haesbaert (2007), esse processo é denominado de territorialidade "sem território", a exemplo: "Terra Prometida" dos judeus. Conforme Gil (2004), o território materializa as articulações estruturais e conjunturais a que os indivíduos ou os grupos sociais estão submetidos num determinado tempo histórico.

A compreensão da territorialidade é resultado da dominação simbólica em um determinado território, onde está situado o povo judaico, e principalmente na Amazônia. Para Haesbaert (2007), existe o território de dominância funcional e o território de dominância simbólica, identificada como possibilidade, num extremo (pois o esquema deve ser visto dentro de um *continuum*), a territorialidade "sem território", embora, no outro extremo, um território "sem territorialidade" seja empírica – e teoricamente inconcebível, e que dentro da concepção existe territorialidade sem território, mas não existe território sem territorialidade.

Essas características que são aplicadas em relação aos judeus marroquinos, pois eles são um povo com uma dominância de territorialidade simbólica, ou seja, um povo que por muito tempo tinha a terra prometida como símbolo de seu território simbólico. E que a Amazônia foi escolhida por ser uma terra promissora que significava como a terra simbólica de Israel e sem males (perseguições).

A construção e a existência de uma territorialidade no início de sua migração (metade do século XIX) dos judeus para a região amazônica estava associado ao comércio do atacado

(tecidos e alimentos), gerentes de depósitos, donos de flutuantes, guarda-livros e seringalistas e coronéis-de-barranco. Segundo Benchimol (2008), os judeus foram os primeiros regatões da região com suas embarcações levavam mercadorias para vender nos seringais distantes em troca de borracha, castanha, balsamo de copaíba, sorva e entre outras coisas, eles desafiavam o grande poder do monopólio dos aviadores.

Assim, os judeus no início cresceram vendendo suas mercadorias mais baratas e chegaram ainda na economia das drogas do sertão e no início da economia da borracha, e como regatões trabalharam também nas calhas dos rios, com destaque para Belém até Manaus. De tal modo, esse processo grupal e de coesão se configurou como o sucesso dos judeus, estabelecendo nas calhas dos rios e nas cidades próximas, sucesso esse que levou ao seu crescimento econômico e social e demarcando sua territorialidade na Amazônia.

Os judeus se implicam nessas condições como um grupo heterogêneo o qual pode estar em qualquer território de qualquer país, e também constituir territorialidade, que conforme Benchimol (2008) do grupo com construção de escolas, sinagogas, empresas, ajuda comunitária e política. Esse grupo se dispõe uma organização e também pode estar em uma sociedade com indivíduos diferentes do seu grupo, contribuindo politicamente, culturalmente e economicamente com a sociedade amazonense.

A tecnicidade como cita Benchimol (2009), demonstra que as influências para a construção desse processo se deram por muitos fatores, dentre eles a mão de obra técnica dos judeus, conhecimentos trazidos de comércios e sua superioridade técnica de trabalho e educação que influenciaram tanto no material e imaterial da economia local.

Os judeus tiveram um papel importante na Amazônia, além de instituírem sua territorialidade ao longo das calhas dos rios amazônicos, a expansão judia pelas terras amazônicas possibilitou no surgimento de regatões e na consolidação de comércios, cristalizando a formação mais tarde de famílias judaicas, na qual influenciaram na esfera econômica, social e cultural, principalmente no que tange a religiosidade. Até então os judeus se mostraram um grupo forte e coeso que iria aos poucos formando sua família e sua sociedade e ajuda mútua entre eles com a população local.

Assim começava a se formar a família judia marroquina nas pequenas cidades do interior, que serviam de sede para a família, enquanto o pai, como regatão, corria ao interior do interior para regatear, vender mercadoria e comprar produtos, criando assim uma rede de abastecimento e mercado para os seringueiros que ficavam internados nos altos rios e nas estradas e tapiris dos seringais distantes. Sem eles não era possível sobreviver nas distancias do mundo sem-fim, onde o diabo perdeu o cachimbo como se dizia nos tempos de antigamente. Foram eles que democratizaram o processo de intercâmbio comercial no interior do Amazonas e quebraram o monopólio dos aviadores portugueses e exportadores ingleses,

franceses e alemães que dominavam o comércio e os empórios de Belém e Manaus. Por isso, não eram bem-vistos, como todo novo concorrente que resolve participar da cadeia produtiva e encontrar um novo nicho no mercado (BENCHIMOL, 2009, p. 322-323).

Durante esse estabelecimento, os judeus construíram uma economia produtora bastante sólida, antes da queda da economia gomífera. E enquanto isso esse processo de um povo sem sua terra natal, um povo sem um território específico, na qual estabelecia sua territorialidade.

### **1.3. Cultura Judaica na Amazônia: mudanças, permanências e representações espaciais/culturais.**

Na atualidade a cultura é bastante discutida, principalmente os processos históricos de diferentes povos que chegaram até os dias de hoje. O processo migratório tem promovido influências, introduzido mudanças e implementando elementos de outras culturas no contexto sociocultural de outros povos. Na Amazônia, esse processo não foi diferente, a inserção da cultura judaica junto ao estado do Amazonas, mesclou as suas culturas e também deu ao mundo novos olhares.

A importância da cultura não quer dizer que ela é uma dimensão teórico ou científica superior às demais dimensões sociais, tais como a econômica, a política, a educacional, mas que de certo modo se faz evidente em toda e qualquer atividade social. Essa importância indica "a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, medindo tudo (HALL, 1997, p. 5).

A cultura é importante em diversas dimensões sociais, ou seja, ela penetra-se em todos os cantos das sociedades, tornando-a importante para as diversas pessoas como o autor anteriormente cita, essas dimensões ultrapassam todos os tipos de dimensões sociais. A cultura assume vários atores na sociedade que segundo o pensamento de Langdon e Wiki:

Um conjunto de elementos que mediam e qualificam qualquer atividade física ou mental, que não seja determinada pela biologia, e que seja compartilhada por diferentes membros de um grupo social. Trata-se de elementos sobre os quais os atores sociais constroem significados para as ações e interações sociais concretas e temporais, assim como sustentam as formas sociais vigentes, as instituições e seus modelos operativos. A cultura incluiu valores símbolos, normas e práticas (LANGDON E WIIK, 2010, p. 175).

Quando se falam em conjuntos de elementos que vão qualificar tanto as atividades físicas e mentais, os autores querem afirmar que entre a cultura de determinado povo e o compartilhamento de valores tanto simbólicos, religioso, social, normativos e interações, tanto do âmbito social como econômico, vemos que a cultura engloba tudo isso, além de outros atributos.

Os judeus, por onde passaram, sempre mantiveram sua cultura por milênios, mas sempre com adaptações locais em determinado tempo histórico sempre absorvendo algo da cultura de outros povos, todavia, nunca abandonando a sua fé.

Segundo Bentes (1981) uma das importantes mesclas culturais sefaraditas espano-português marroquino é o dialeto da haquitia (haktía), o qual é derivado do ladino (judeu-espanhol), ou seja, do casteliano antigo do século XVI, e que foi usada e ainda é usada por poucos judeus de origem ibérica (megorahim), expulsos da Espanha em 1492, os quais foram para o Marrocos espanhol, e onde é falada por poucas pessoas mais idosas de origem judia nas cidades de Manaus, Pará, Santarém, Cametá, Óbidos, porém sua memória afora se conservou apenas. Em entrevista em 17 de fevereiro de 2022, Dr. Isaac Dahan cita:

No Marrocos tinham judeus de fala árabe e de judeus de fala espanhola, ou seja, judeus de diferentes áreas, esses judeus que vieram para o Marrocos trouxeram um novo dialeto a Hakitia, esse dialeto de ocultação trouxeram para o Marrocos, pois era uma mistura de espanhol, hebraico e árabe, e com uma cultura diferenciada (Entrevista de Dr. Isaac Dahan, 17 de fevereiro de 2022).

O autor, ao inferir sobre o dialeto hakitia, o qual se diferencia por se encontrar diferente dos outros, visto que era falado apenas em âmbito familiar, e que foi introduzido por judeus expulsos da Espanha, podemos destacar a importância cultural entre as primeiras famílias vindas para a Amazônia.

Os judeus também detiveram vários costumes e dialetos como ladino e dentre eles a hakitia, segundo Lins, (2010) a hakitia (Haquitia), é uma língua judaica, atualmente, quase extinta, a qual se desenvolveu no Marrocos, pelos judeus do norte do Marrocos, que trouxeram esse dialeto no ciclo da borracha. Esse dialeto foi muito difundido até a chegada na Amazônia, muito pouco foi registrado a respeito dessa língua ao contrário de outras línguas judias como o idiche. O dialeto da hakitia foi pouco utilizado em livros, no âmbito literário e teatral, e os seus registros foram realizados a âmbito familiar oralmente restrito.

Pode-se afirmar que a hakitia é um dialeto composto pelo ladino (judeu-espanhol), que é composto do castelhano antigo, hebraico, árabe do Marrocos, e das derivações por onde passaram como do idioma português.

Esse dialeto, peculiar aos judeus de origem Ibérica estabelecida no Marrocos desde a expulsão da Espanha, e consideravelmente distinto do que ainda hoje é falado pelos judeus do Oriente, é um composto do castelhano antigo, mais ou menos bem conservado, do árabe, do hebraico, etc., a quem se dá vulgarmente o nome de Hakitia (BENTES, 1981, p.73).

Os judeus por onde passavam criavam um dialeto para se comunicar como os judeus espanhóis que foram para os Bálcãs, Holanda. Segundo Benchimol (2008) Turquia que difundiram o seu dialético em âmbitos literários e teatrais, o qual se chamava ladino ou como os judeus asquenazis com o idiiche uma mescla de alemão e hebraico e suas variáveis, porém com a hakitia foi diferente, ou seja, o dialeto era apenas falado em âmbito familiar, como o Dr. Isaac Dahan diz na sua entrevista na esnoga de Manaus:

Esse dialeto foi formado na Espanha, e depois mesclado no Marrocos com o espanhol, hebraico e a língua local árabe, até chegar à Amazônia posteriormente e sofrer modificações também. Essa língua está se perdendo e ao longo do tempo, pois não se difundiu, só poucas pessoas sabem algumas coisas e frases como afirmou o líder religioso da esnoga. Há de se perceber que apenas os mais velhos falam ou tem na memória o que foi um dia o dialeto trazido pelos seus ancestrais.

A cultura judaica localmente foi se adaptando ao chegar em Belém, porta de entradas desses judeus, inicialmente os judeus não podiam fazer cultos a amostra e nem muito barulho, ou seja, só podiam fazer suas esnogas (pequenas sinagogas) sem placas ou identificações que seria um templo religioso, pois ainda vigorava a lei do império e a igreja católica era a religião oficial do império brasileiro.

O General Abraham Ramiro Bentes cita uma fala de D. João VI, caracterizando uma concessão de liberdade de culto aos anglicanos:

S. A. R. o primeiro regente de Portugal declara e se obriga no seu próprio nome e no de seus herdeiros e sucessores, a que os vassallos de S. M. Britânica, residentes nos territórios e domínios seus, não serão perturbados, inquietados, perseguidos ou molestado por causa de sua religião, mas antes terão perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem os ofícios divinos em honra do Todo-Poderoso Deus, quer seja dentro de suas casas particulares, quer nas particulares igrejas e capelas que S. A. R. agora e para sempre generosamente lês conceda a permissão de edificarem e montarem dentro dos seus domínios e conquistas, contanto que as sobreditas capelas sejam construídas de tal maneira que exteriormente se assemelhem a casa de habitações e também que o uso de sinos não lhes seja permitido. (BENTES, 1987, p. 347).

Como é de destaque a cultura judaica teve de se adaptar como em muitas vezes de exílio, porém essa adaptação não mais de perseguições, mas de uma liberdade de culto sem amostras para a sociedade católica vigente da época, porém com uma liberdade que eles não tinham nem na Espanha e Portugal (nas Judearias), e nem no Marrocos (nos Mellas), lugares esses que confinavam os judeus, mas essa nova realidade foi diferente em solo brasileiro, houve as adaptações ao longos da sua chegada como podemos perceber.

Há também que se destacar que para os amazônidas os judeus eram um povo novo e amigável, por isso houve pequenos incidentes ou conflitos e a adaptação e a mesclagem das culturas judaica e cabocla se fundiram. Segundo Rodrigues e Oliveira (2020), a primeira forma de adaptação dos judeus aos costumes da localidade foi a de viver nas calhas dos rios, essa adaptação não foi fácil, o qual essa relação local houve a miscigenação, porém, poucos mantiveram suas tradições religiosas e simbólicas no interior da Amazônia.

Assim começa as adaptações desses primeiros judeus nas calhas dos rios, a adaptarem suas culturas e construir suas kehilas (congregação ou comunidade). Um dos destaques apontado por Benchimol (2008), é que a situação dos judeus do interior melhorava e eles migravam para as cidades menores, os quais visitavam as suas mulheres nas principais festas judaicas e tinham numerosos filhos. Essa fase judia formou a cultura crescente dos judeus amazônidas fase cultural familiar, pois os judeus sempre tiveram muitos filhos em épocas remotas.

Algumas principais festas judaicas e cerimônias judias aqui elencadas, que são passadas de gerações a geração, segundo Torah e o Talmude com as festas rabínicas que não estão escritas na Torah, mas são feitas, pois foram histórias vivenciadas pelo povo hebreu ao longo de milênios. E as **principais representações e festas são:** Hosh-hashaná que é o (ano novo-judaico), o YomKipur (dia do perdão), uma das mais importantes datas o que se tem a expiação, Pessach (páscoa) o qual tem-se o sêder judaico, significa a libertação do povo de Israel, Purim (festa da Rainha Esther), que significa a salvação dos judeus na pérsia contra a morte perpetrada por Amã, Hanuká (festa das luzes), pois aconteceu o milagre após a expulsão dos gregos de Jerusalém e o azeite em vez de durar um dia como estava, ele durou 8 dias na menorah.

E também dentro do judaísmo existem cerimônias importantes como BerithMilah (circuncisão), que têm o significado de aliança o qual é feito ao 8º dia de nascimento da criança judia, ou seja, do menino judeu. E é claro a maioridade judaica Bar-Mitzvá (maioridade aos 13 anos), ou seja, a maioridade religiosa e passa a ter responsabilidades perante a comunidade e a religião judaica.

### **1.3.1. Um das principais festas culturais e representativas dos judeus marroquinos: Mimona.**

A cultura sempre foi determinante para todos os povos, e principalmente para os judeus, os quais detêm suas tradições e fé ao longo de milhares de anos, e principalmente festas de cunho religioso que abrangeu até os dias de hoje suas celebrações.

A Mimona (ou Mimona), é uma festa de origem marroquina trazida pelos judeus marroquinos no século XIX, e é uma das principais representações marroquinas no fim de

pessach. Os judeus também ainda mantêm na Amazônia e na sinagoga de Manaus questões simbólicas e culturais como festas, segundo Veltman (2005), a mimona, é a festa que marca o fim do Pessach, o qual todos celebram, pois no Pessach é proibido fermento e marca o fim dessa proibição, a qual todas as padarias são abertas, e vendedores oferecem a venda diversos tipos de pães. A mimona é um elemento significativo para a comunidade judia para a formulação da identidade e do grupo judaico. Essa importante festa na sinagoga de Manaus ainda mantém o os seus principais costumes com seus significados, conforme aponta David Salgado (2022), um judeu de Manaus.

Coloca-se uma toalha branca e decora com ramalhetes verdes toda a mesa, e depois se costuma acender velas. Assim, coloca em cima da mesa um prato grande e fundo com a massa feita de trigo com óleo e água, e se colocam moedas que são enfiadas dentro da massa. A mesa também se tem leite, mel, manteiga, frutas secas e doces diversos que são bastante ingeridos, e não pode faltar o peixe (tradicional na festa de mimona), que é bastante consumido pelos judeus marroquinos, que é bem tradicional, e por fim as mufletas (rodela de massa assadas e banhadas em mel e manteiga).

Essa festa tão tradicional e especial se segue até hoje em Manaus, Belém, Marrocos e incorporada também na cultura de Israel, pode-se ver que é de suma importância, pois traz a tradição de boas bênçãos depois do Pessach (páscoa).

### **1.3.2. Santos Judeus Marroquinos (TZADIKIM)**

Outro destaque que identifico da cultura judaica marroquina é a veneração dos santos judeus marroquinos chamados também de Tzadick ou sadick, é tido como um santo. Tem grande significado para os judeus de origem marroquina e é uma construção da sua identidade.

A veneração dos tzadikim é uma grande rede de significados, e porque, não dizer, uma pedra angular na construção da identidade étnica dos judeus marroquinos, assim como, de muitas das representações simbólicas deste grupo (LINS, 2010, p. 113).

Esse hábito de alegria e orações a Deus pelo sábio que já faleceu, é muito antigo o costume dentre os judeus no Marrocos, ou seja, possuiu um papel no Marrocos bem tradicional e, assim como na Amazônia na cidade de Manaus.

Chama-se de Hilulot, esse fato se deu por costumes antigos que não sabemos dizer muito bem, mas essa prática vem do Marrocos até os dias de hoje nas comunidades judaicas da Amazônia, desde a chegada deles, até a quarta geração dos judeus marroquinos que imigraram no século XX. A celebração das *hilulot* que as famílias judias aqui na Amazônia celebram por determinado justo santo (tzadikim). Como descreve:

A celebração das hilulot em homenagens aos tzadickim é um costume que os judeus marroquinos conservam na Amazônia ao longo de quase dois séculos depois da imigração para a região. O que se escuta dos membros mais antigos das comunidades de Belém e Manaus é que este costume foi conservado primeiramente em de maneira domiciliar, ou seja, determinadas famílias eram responsáveis pelas celebrações em louvor a determinado tzadick. Como o caso da família Pazuello/Mendes desde que estava radicada no município de Parintins no estado do Amazonas realizava a *hilulaem* louvor a RebiMeyr Baal ha'ness (LINS, p. 139, 2010).

Podemos perceber atos de fazer promessas para santos rabinos muito parecidos com os católicos que fazem promessas no catolicismo popular. Porém, para os judeus, uma pessoa que é elevada espiritualmente e intercede pelos seus irmãos judeus, como por exemplo, ganha favor de Deus, e assim bênçãos dos céus. Para os católicos as promessas que eles fazem são pertinentes ao falecido, pois creem eles que se fizerem promessas para o tal Santo, serão abençoados.

Verifica-se que existe diferentes cultos de cultura aos Santos (tzadikim), tanto por não judeu como judeus na Amazônia. Entretanto, percebe-se que há as diferenças singulares, enquanto para o judeu é de certa forma a celebração da hilulot para elevação do Santo e bênçãos de Deus, para o Cristão Católico as promessas e bênçãos vem em intermédio de determinado Santo, algo quase próximo das culturais a não ser suas diferenças.

Na Espanha e Portugal, os católicos, os quais expulsaram os judeus. Isso é um furto da desterritorialização e reterritorialização em detrimento de outro grupo étnico (judeus). A culinária marroquina, presente nas festas religiosas que em diversas circunstâncias precisou ser readaptada às condições amazônicas.



## CAPÍTULO 2: METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

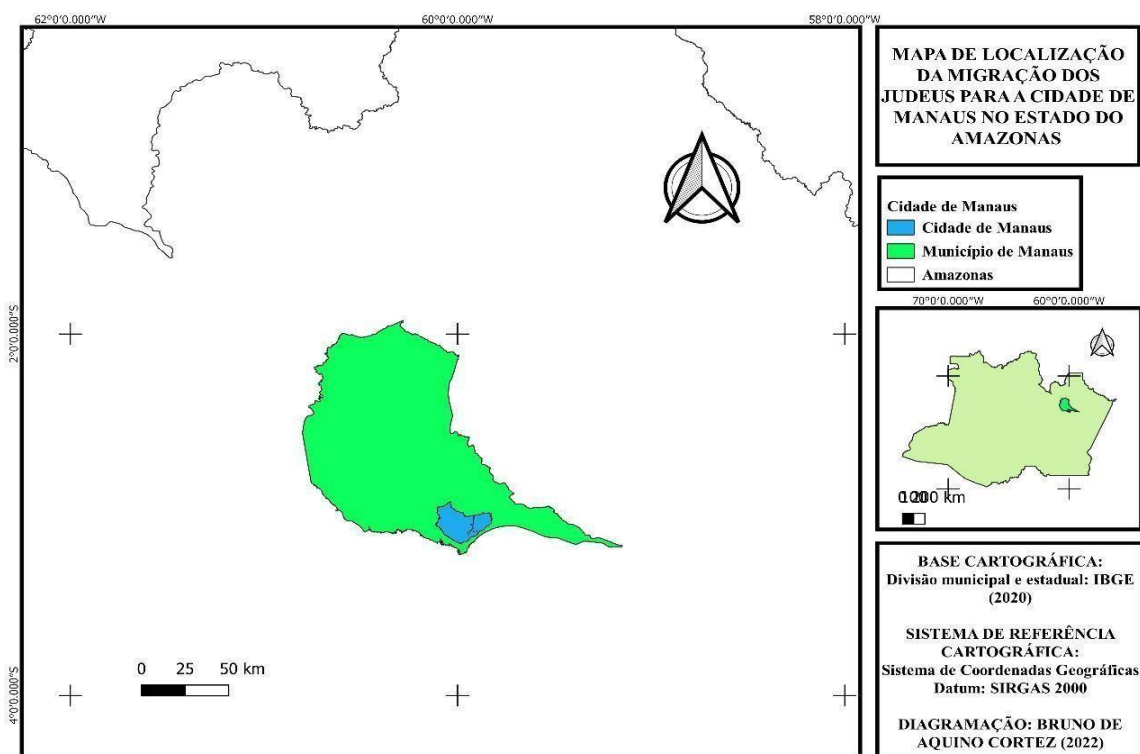
Este segundo capítulo aborda sobre a área de estudo, a metodologia e os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do trabalho. É fundamental adotar um método científico e empregar uma metodologia para a realização da pesquisa em geografia adequada com a temática discutida para a construção de novos conhecimentos científicos no contexto amazônico.

A metodologia empregada possui uma abordagem qualitativa de caráter descritivo exploratório. Nesse sentido, estudar a migração judaica no estado do Amazonas a partir das contradições e oposições em que rege o método dialético permite entender como é a territorialidade desse grupo étnico e suas influências, mudanças e representações culturais que introduziram na cultura amazonense.

### 2.1 Área de Estudo

A área de estudo é correspondente a cidade de Manaus, estado do Amazonas, Amazônia Ocidental (Figura 1). Esse recorte espacial analisado, deve-se a cidade em que muitos judeus migraram em busca de melhores condições de vida e se destacam por sua dimensão social, econômica, cultural e por sua territorialidade.

Figura 01: Mapa de Localização da Área de Estudo



Fonte: CORTEZ, Bruno de Aquino, 2022

As visitas principalmente na sinagoga de Manaus chamada *beit yiaakov rebi meir*, situada na avenida Leonardo Malcher, próximo ao antigo preparatório marechal rondon, na Zona Central de Manaus Amazonas, qualificou bem o lócus em estudo. Porque o estudo referente a imigração judaica destacou com relação a historicidade, as manifestações culturais judaicas e com o desenvolvimento do conhecimento durante toda a história, onde as particularidades diversas são comparadas com a presença da predominância dos valores religiosos e as demais condições específicas fazem desse período, uma forma singular de detalhar os acontecimentos históricos pela área de estudo.

## 2.2 O Método

O método é a corrente filosófica que se utiliza para o desenvolvimento de pesquisas científicas. Assim o método empregado nesse trabalho é o método dialético, pois as realidades e os fenômenos em estudo são entendidos por meio de oposições e contradições, leis gerais do movimento histórico correspondem o indicativo da afirmação, negação e na negação da negação. Neste contexto:

A dialética, como ciência das leis gerais do movimento e do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento humanos, possuiu três leis, amplamente conhecidas por aqueles que têm um mínimo de familiaridade com o marxismo, que assim podem ser resumidas: (1) a transformação da quantidade em qualidade e vice-versa; (2) a unidade e interpretação dos contrários, e (3) a negação da negação. (SPOSITO, 2004, p. 45).

A compreensão da migração dos judeus sob a perspectiva desse método, deve-se pelo simples fato de que esse grupo foram motivados a migrar de forma forçada, pois foram expulsos de seus territórios e vieram em busca de qualidades de vida, liberdade religiosa e em virtude das perseguições pelas quais sofreram historicamente.

## 2.3 Procedimentos Metodológico

O procedimento metodológico é o caminho a ser seguido ao longo de uma pesquisa científica. Nesse sentido, foram realizadas pesquisas bibliográficas, contando com Benchimol (2008), Bentes (1981; 1987), Martins (2019), Haesbaert (1999; 2007), Saquet (2009), Gil (2002), Spósito (2004), foram feitas revisões teóricas conceituais e metodológicas, que permitiram a compreensão da migração dos judeus para a Amazônia e suas influências e mudanças culturais.

E também temos a pesquisa bibliográfica que segundo “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e

artigos científicos”. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e se registrou a respeito do tema de pesquisa bibliográfica. (GIL, 2002, p. 44).

Na pesquisa documental os materiais disponíveis na internet (online) e impressos foram fundamentais para compreensão do contexto histórico e os motivos para a migração judaica na Amazônia, uma vez que “a pesquisa documental apresenta algumas vantagens por ser “fonte rica e estável de dados”: não implica altos custos, não exige contato com os sujeitos da pesquisa e possibilita uma leitura aprofundada das fontes” (Gil, 2002, p. 62-63).

Na pesquisa de campo, foi possível fazer uma visita in loco e conhecer e promover a realização de entrevistas não estruturadas (perguntas abertas) e diálogos intersubjetivos com representantes de instituição e sujeitos da pesquisa para a obtenção de coletas de dados. Bem como foi realizada ainda a observação direta na sinagoga de Manaus chamada *beit yiaakov rebi meir*, onde se registrou fatos históricos e a contextualização histórica da cultura judaica na Amazônia.

A utilização de tais procedimentos metodológicos, segundo Minayo e Sanches (1993), costuma-se ser de entrevistas abertas, conversas, grupos de discussões ou observações dos participantes os quais também utilizaremos. Essa abordagem metodológica tem como objetivo coletar as narrativas dos sujeitos, para depois analisar, compreender e interpretar as relações e o significado das culturas ou ideologias.

Tabela 01: Estrutura do Procedimento Metodológico

I)	A pesquisa bibliográfica: foram realizadas revisões teórica conceituais e teóricas-metodológicas acerca de artigos, livros, capítulos de livros, dissertações de mestrado, teses de doutorado, relatórios e revistas.
II)	A pesquisa documental: Foram feitas revisões em documentos disponíveis na internet (online) e impressos disponíveis em algumas instituições ( <i>Sinagoga</i> ), na qual é rica em dados e permitiu a identificação do fator histórico da migração judaica para a Amazônia e suas influências e representações culturais.
III)	A pesquisa de campo será realizada na Sinagoga da cidade de Manaus/Am, chamada <i>beit yaakov rebi Meir</i> , situada na avenida leornado Malcher, próximo ao Marechal Rondon. E a pesquisa será referente ao fluxo migratório no século XIX e XX ao qual os judeus imigraram para a Amazônia Ocidental, referente ao Estado do Amazonas, capital Manaus. Já a pesquisa cultural será baseada aos eventos atuais dos anos de 2020-2021.
IV)	Instrumentos de coletas de dados: Aplicação de entrevistas abertas, com o Dr. Isaac Dahan, a qual sabe da história e das tradições da comunidade judaica.
V)	Análise e sistematização das informações: Produção de dados das pesquisas e entrevistas para o trabalho para obter as causas que ocorreram com os judeus até a sua chegada aqui no Amazonas.

Fonte: Trabalho de campo, 2022. Organização: MARINHO, Maurício (2022).

### **CAPÍTULO 3: A MOBILIDADE ESPACIAL DOS JUDEUS NA CIDADE DE MANAUS, ESTADO DO AMAZONAS**

Neste terceiro capítulo, busca-se a compreensão da mobilidade espacial dos judeus na cidade de Manaus no estado do Amazonas. É abordado neste capítulo primeiramente sobre a chegada dos judeus e o processo de reterritorialização que os judeus tiveram ao longo do processo da chegada no norte do Brasil.

No segundo momento é abordado sobre a territorialização da cultura judaica e as influências e transformações da cultura amazonense. Vale salientar que a cultura tem o papel primordial para construção da identidade, e nesse formato de diversas etnias e de diversas culturas em um determinado território se tem os povos, a exemplo dos judeus, que trazem as suas culturas que são transmitidas de geração em geração, em diversos aspectos como os costumes, a religiosidade e as crenças.

#### **3.1. A chegada dos judeus e o processo de reterritorialização**

Os judeus tiveram um longo processo de diáspora até chegaram ao Norte do Brasil, e adentrarem por Belém e descerem o rio Amazonas até o Peru que seria o território mais distante, até então chegado pelos judeus marroquinos. Todo esse processo de imigração não foi por acaso, porém antes disso, o processo de mobilidade espacial resultou na expulsão do povo judeu, os quais denominados geograficamente por desterritorialização.

Em entrevista em 17 fevereiro de 2022, Dr. Isaac Dahan fala sobre a chegada dos judeus: A primeira comunidade brasileira na Amazônia, ele destaca que não teve interrupção, pois antes dessa houve a de Recife, a qual teve interrupção. A comunidade Israelita da Amazônia floresceu e assim está instalada até os dias de hoje, sendo que vieram imigrantes da Espanha e Portugal para o Marrocos e posteriormente a Amazônia conforme os seus antepassados vinham (Entrevista Isaac Dahan, 17 de fevereiro de 2022).

O processo da chegada dos judeus na Amazônia se dá por um processo de desterritorialização anteriormente tanto nos Reinos da Espanha e Portugal, como no Marrocos. Então, segundo o autor para se ter a reterritorialização Haesbaert (2007), fala-se geograficamente que não há desterritorialização sem o outro o qual é a reterritorialização, porque o animal é um animal territorial, ou seja, necessita-se do território.

Sabe-se que o processo de desterritorialização é um processo de quebra de um determinado vínculo com o território, ou seja, é a perda do território definitivo e também da sua territorialidade, de pessoas no âmbito individual ou coletivas de um grupo. Tanto na esfera cultural, como econômico, social, político-jurídico, simbólico, identitário e de recurso. O

processo de reterritorialização vai se caracterizar a um novo território que o indivíduo irá se adaptar, ou seja, será um agente do novo território, reterritorializando-o.

Assim, afirmamos que, especialmente para os mais privilegiados, ditos por muitos "desterritorializados", "mais do que a desterritorialização desenraizadora, manifesta-se um processo de reterritorialização especialmente descontínuo e extremamente complexo" (HAESBAERT, 1999, p. 214).

Assim, afirma-se que o processo de reterritorialização necessita primeiro da desterritorialização, o qual em um novo território o indivíduo ou coletivos promove sua territorialização, que historicamente esse processo culturalmente levou muitos povos a imigrarem e chegarem a um novo destino. Isso não foi diferente com os judeus o qual tiveram a reterritorialização da Amazônia. Os judeus vieram em levas do Marrocos e a sua entrada se deu em Belém, principalmente na época da ascensão da borracha como podemos descrever:

Com o advento da exploração da borracha, a emigração judaica para a Região Amazônica aumentou bastante e assim é que os judeus de origem hispano-portuguesa que haviam fugido para o Marrocos começaram a chegar cada vez em maior número para o Estado do Pará e para o Estado do Amazonas, onde se estabeleceram tanto nas capitais como no interior dos dois estados. E foi graças a esses emigrantes que surgiram as primeiras sinagogas e os primeiros cemitérios judaicos na região, pois fiéis à sua fé religiosa, tinham a preocupação de conservar e transmitir aos seus descendentes, as suas tradições (BENTES, 1987, p. 348).

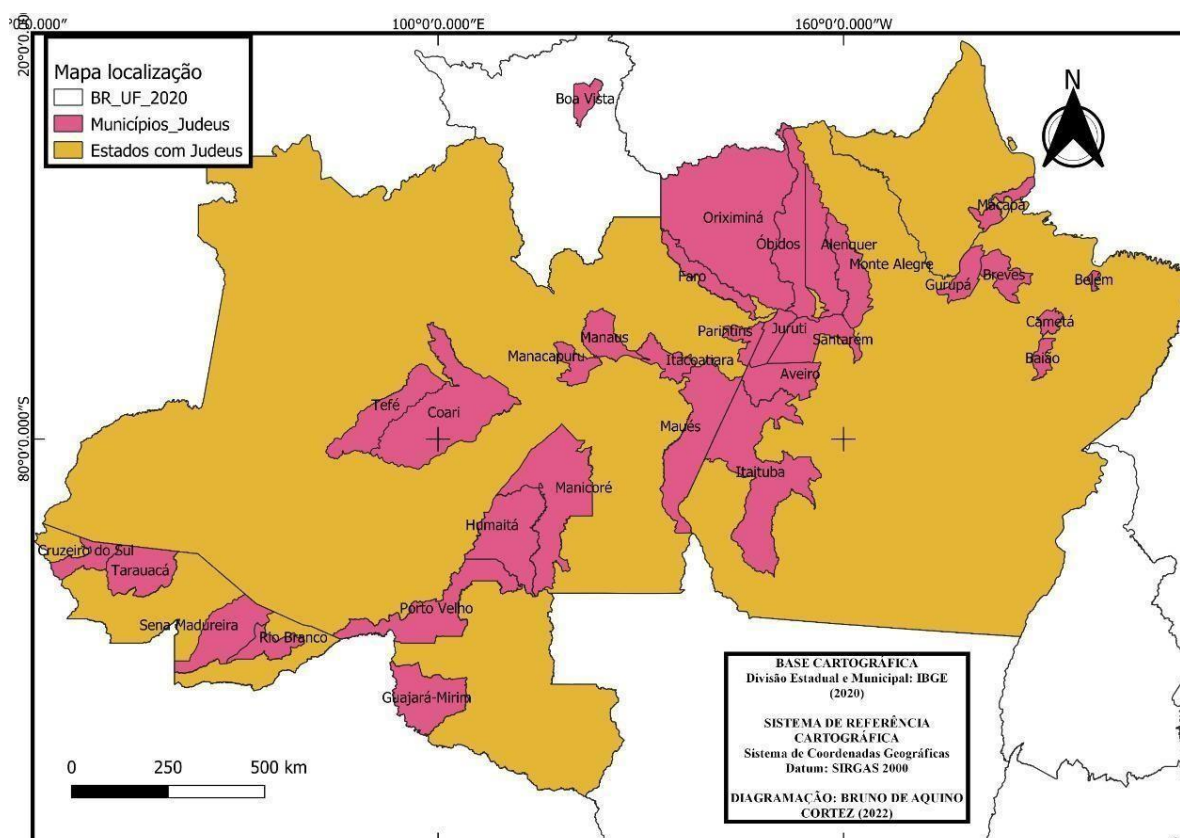
Os judeus foram adentrando em levas tanto pela capital como nos interiores do estado do Amazonas e estabelecendo sua territorialidade. Portanto, construindo sinagogas, cemitérios, clubes e escolas, cujos elementos principais para a valorização das manifestações culturais era sua fé e as tradições. Inicialmente os judeus chegaram na Amazônia por Belém, e depois foram subindo ao rio até as cidades nas margens do Rio Amazonas e seus afluentes até chegarem no Peru na cidade de Iquitos, e foram se instalando ao longo dos rios, e como consta:

Esses imigrantes localizaram-se, inicialmente, nas pequenas cidades do a do Pará e Amazonas, como Cametá, Almeirim, Óbidos, Santarém, Itaituba, Itacoatiara, Tefé, Humaitá, Porto Velho, além de Belém e Manaus, como empregados em escritórios e estabelecimentos comerciais, ou em atividades mercantis do aviação e regatão. Mais tarde, já no período áureo do ciclo da borracha, iniciou-se a fase de sua promoção econômica como arrendatários e proprietários dos seringais, no interior, ou como compradores de produtos regionais, nas praças de Belém e Manaus (BENTES, 1987, p. 377).

Os imigrantes sefaradim na sua chegada do porto da cidade de Belém iam para as cidades pequenas, onde inicialmente se estabeleciam com seus parentes, que estavam a sua espera, ante a sua chegada do Marrocos. Nesse sentido, iniciavam as suas jornadas no interior e se estabeleciam com as atividades comerciais. Outrora, se estabeleciam nas grandes capitais dos respectivos estados do Pará e Amazonas como compradores.

Sendo, assim, esse processo dos fluxos migratórios dos judeus na Amazônia é presente até os dias atuais, nos quais a distribuição territorial desses grupo étnico judaico, é resultante do processo de reterritorialização, com destaque para os estados do Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia e Acre.

Figura 02: Mapa da distribuição territorial dos Judeus na Amazônia



Fonte: CORTEZ, Bruno, (2022).

É de perceptível eminência que os judeus ao longo de sua reterritorialização construíam suas comunidades, sinagogas, escolas e comércios, ou seja, a determinação de sua territorialidade na Amazônia a partir de sua mobilidade espacial, caracterizando a partir de seu significado simbólico, podendo ser assim identificado socialmente:

Partimos do pressuposto geral de que toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. [...]. De forma muito genérica podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes (HAESBAERT, 1999, p. 172).

A identidade de determinado povo ao longo do tempo vai se constituindo com a sua identidade territorial, e isso se dá no seu convívio social e suas relações com seu espaço geográfico. Para Haesbaert (1999), as identidades são moldadas em determinado território de forma cultural (simbólica), ou seja, em aspectos religiosos, econômicos e sociais.

Os judeus na cidade de Manaus se concentraram no centro Manaus, todavia a maioria ficava no interior do estado do Amazonas. Benchimol (2008), aponta que os judeus tinham a sua própria rua, assim como os sírio-libaneses, e a rua dos judeus estava localizado na rua Henrique Martins e Lauro Cavalcante, onde viviam mais de trinta famílias judias, nos anos que ocorreu a crise de 1930 a 1950.

As ruas de destaque em Manaus que os judeus residiam, era no centro da cidade de Manaus, sendo que foi no século XX que se instalaram. Destaca-se que no centro de Manaus as famílias residiam entre as décadas de 1930 e 1950, pois se concentrava o comércio onde essas famílias tinham suas lojas. Porém, inicialmente a sua mobilidade se deu no interior do estado do Amazonas e só depois veio às levadas de judeus para Manaus, posteriormente a quebra da borracha.

Vale ressaltar que a segunda geração de judeus que já estavam estabelecidas em Belém e Manaus, que segundo Benchimol (2008), é constituída de correligionários, que se destacaram pelo comércio, pois os preços da borracha estavam elevados. Esses israelitas conseguiram se estabelecer em Belém e Manaus, onde os mesmos se tornaram grandes aviadores e comerciantes donos de mercados e armazéns em concorrência com portugueses, ingleses, franceses e alemães.

Os judeus se estabeleceram em Belém e Manaus como destaca Benchimol (2008). E essa permanência se deu devido o interesse econômico e por ser um espaço estratégico para o desenvolvimento dessa atividade econômica, sendo que os mesmos fundaram vários comércios nas capitais das duas maiores cidades na época da Belle Époque.

Em Manaus, os judeus mais importantes ao findar o século XIX, eram os franceses e alsacianos, como Marius & Levy, que construiu o Edifício da Teodureto Souto, esquina na Av. Eduardo Ribeiro (hoje Edifício dos Correios), o mais alto da cidade e que foi, durante anos, a sede dos armazéns da mais rica firma judaica aviadora e exportadora: B. Levy & Cia., cujos sócios Raphael Benoliel e Samuel Levy tinham trânsito livre junto aos portugueses e franceses, pois ambos tinham também seus familiares morando em outro prédio da rua da liberdade, nº 252, em Lisboa. Vale reiterar que os primeiros judeus foram esses de origem francesa alsaciana, e segundo o autor que nos diz que eles se estabeleceram e essa mobilidade se deu para as áreas centrais.

Destaca-se que a primeira geração veio do Marrocos para a Amazônia em busca de melhores condições de vida. E no fim do século XIX, a época de ouro da Paris dos trópicos, houve uma segunda geração, oriunda de judeus franceses que se estabeleceram em Manaus, sendo que os Marroquinos continuavam se deslocando para o interior.

Depois das levas vindas para as capitais, depois das gerações anteriores, destaca-se a terceira geração dos judeus que Benchimol (2008) compreende a terceira geração dos judeus-marroquinos devido ao período de crise ocorrido entre os anos 1920 a 1950, que durante esse longo período de 30 anos, a economia amazônica entrou em retrocesso e uma crise que deixou vários judeus em plena falência. E esses descendentes dos judeus da primeira geração que vieram na época para lugares remotos, povoados e pequenas cidades amazonenses, eles iniciaram o fluxo migratório para Manaus e Belém.

Em relação a isso, vimos que os judeus começaram a emigrar para as respectivas capitais devido à crise que se apresentou na época, e por isso houve uma intensa chegada em Manaus e os quais se estabeleciam na região central e tentavam novas oportunidades.

E que desses judeus vindos para Manaus Benchimol (2008) enfatiza que os falidos judeus e empobrecidos pela carestia da economia começaram a chegar a Manaus em 1930, que tinha cerca de 90.000 habitantes, e que a maioria dos judeus veio da cidade de Itacoatiara (Perez, Ezagui, Azulay), Parintins (Cohen, Assayag), Maués (Levy, Abecassis), Borba (Laredo), Humaitá (Julio Lev), Porto Velho (Querub), Guajará-Mirim (Benesby), Fortaleza do Rio Abunã (Isaac Benchimol e seus 8 filhos), Tefé (Siqueira, Cagy), Coari (Pinto), Tarauacá (Henry Cerf Levy e seus 12 filhos católicos), Iquitos (Tapieiro, Toledano), e vale ressaltar os judeus que vieram do Pará e de suas cidades, nessa terceira geração foram os Sabbá, Benarrós, Bemergui, Benmuyal, Aguiar, Azulay, Benzecry e além de muitos outros amazônidas.

Os judeus ao longo desse período da crise econômica que assolava a região do início século XX até a metade dele, nesse período viviam nos interiores amazonenses. Sendo assim, posteriormente houve uma imigração para todos os municípios amazonenses desses judeus. Em Manaus, esses israelitas, de origem marroquina começaram a se organizar para o estabelecimento de uma comunidade judia, destacando o seu cemitério, clube e sua sinagoga.

A comunidade judaica de Manaus, nesse período de 1930 a 1950, cresceu para 250 famílias, com a vinda de migrantes do êxodo rural proveniente do interior do Estado e da capital paraense. Por ser menor do que a comunidade paraense de Belém e pelo fato de os judeus viverem, na sua quase totalidade, no interior do Estado, somente em meados da década dos anos 20 tiveram oportunidade de organizar as instituições da comunidade judaica” (sinagoga, cemitério, hebrá, escola, clube social – os cinco pilares da vida comunitária). (BENCHIMOL, 2008, p. 129).



Essas organizações foram inicialmente criadas pelos judeus vindos dos interiores do estado amazonense e do estado paraense, mas a demora em se estabelecerem levou a comunidade amazonense a ser criada muito tempo depois. Em 1928 houve a construção do cemitério judeu, e a primeira morte de um judeu, este sendo filho do prefeito de Itacoatiara Isaac Perez, comprou um terreno para a construção do cemitério judeu. Em outro momento em Manaus não havia um cemitério para os judeus, sendo assim, como afirma Benchimol (2008), eles eram enterrados sem nenhuma cerimônia, pois não havia praticamente nenhuma comunidade judaica organizada na época, e nem talvez um Minyan (quorum de dez judeus) para se dizer o Kadish à beira da sepultura (keburah).

Ao vermos aos poucos a organização desses compatriotas judeus, primeiramente efetuando a compra de um cemitério, e depois de uma sinagoga, eles mostravam aos poucos a sua espacialidade, ou seja, tendo um espaço para a sua vivência cultural, religiosa, social, econômica e até política, resultando na sua mobilidade espacial e reterritorialização na cidade de Manaus.

Nessa época, a organização já estava bem assegurada nessa época e, posteriormente, erater uma sinagoga para as reuniões espirituais. A primeira sinagoga foi fundada por judeus abastados de origem espanhola, aos quais tiveram papel importante no processo de sua fundação e religiosidade.

A família Benchimol tem um papel de destaque na história da fundação da comunidade por seu patriarca. Destaca-se pela cultura judaica, em relação a religião e na economia amazonense, nos quais compraram o primeiro prédio próprio da sinagoga de Manaus. A de ressaltar que esse processo da sua reterritorialização judaica estava bem estruturado, destacando a territorialização na área central de Manaus com a primeira sinagoga a ser construída.

Assim como em Belém, outra sinagoga foi fundada em Manaus por outro grupo de judeus como o autor destaca Benchimol (2008), a segunda sinagoga em Manaus foi fundada pelos nossos correligionários Jacob Azulay com um grupo de judeus forasteiros Toshavim) e sefaraditas (Megosharim), descontentes com a comunidade da esnoga Beth-Yaacov, que era considerada como a esnoga dos sefaraditas *megosharim de los ricos*.

E esse segundo templo com o nome Rebbymeyr funcionou no começo num prédio familiar situado na Praça 15 de Novembro, perto da antiga firma Higson & Cia. e da rua Tamandaré. Posteriormente, foi transferida para um prédio próprio na Av. 7 de Setembro, n.º 385, com fundos para a rua Visconde de Mauá, n.º 301, conforme escritura de 20 de maio de 1945.

Figura 3: Sinagoga BeitYaakov e RebiMeyr



Fonte: BENCHIMOL, Anne, (2022).

Porém, depois de algum tempo e com poucos membros nas duas sinagogas, eles resolveram fundi-las e se reconciliarem também, para a sobrevivência da cultura e do judaísmo marroquino devido aos poucos membros, como vemos nas imagens em uma das casas da primeira sinagoga e a outra situada na praça 15 de Novembro.

A cultura judaica sempre teve um papel fundamental para os judeus, pois demonstram relações de proximidade e buscam o fortalecimento dos laços das famílias judias. Esse processo fez com que os judeus sobrevivessem por muito tempo, ou seja, a garantia de manter a sua cultura e laços familiares em comunidade, nas quais se perpetuaram até os dias atuais. É importante esclarecer que a Hebraica é um importante clube que reuni e difundiu a cultura judaica em Manaus, tendo um papel importante para a reunião de festividades judaicas para as famílias da esnoga.

Figura 4: Sinagoga de Manaus



Fonte: MARINHO, Maurício (2022).

A sinagoga de Manaus Beit Yakov Rebi Meyr nos dias atuais, com a junção das duas comunidades em 1962, com uma nova fachada atualmente, localizada na rua Leonardo Malcher onde os judeus Manauaras preservam sua fé e fazem seus ritos religiosos, promovendo o judaísmo na Amazônia.

### **3.2. A territorialização da cultura judaica e as Influências e transformações na cultura amazense**

A cultura tem um papel primordial para a construção de identidades, principalmente a brasileira, pois é um povo formado de diversas etnias e culturais em um determinado território. Ela sempre se fez presente em todos os povos inclusive ao dos judeus ela é transmitida de geração em geração por diversos aspectos como costumes religiosidades e crenças.

E segundo Claval (2011), A cultura é construída a partir de elementos transmitidos ou inventados: A cultura é o conjunto de práticas, conhecimentos, atitudes e crenças que não é inato: eles são adquiridos. Daí o papel central dos processos de transmissão, de ensino, de aprendizagem, de comunicação na geografia cultural: a natureza e o conteúdo da cultura de cada indivíduo refletem os meios através dos quais ele adquiriu as suas práticas e os seus conhecimentos: transmissão direta pela palavra e pelo gesto; utilização da escrita e das mídias modernas.

A cultura sempre esteve em determinado povo e ela sempre adquire práticas que vão refletindo ao longo de gerações e contribuindo para mudanças e aspectos de determinado povo e determinada etnia e ela sempre foi utilizada modernamente em todos os aspectos da nossa sociedade e sempre contribuindo para a construção dos aspectos sociais de uma nação.

A cultura judaica na sociedade amazonense se deu pelos católicos que se tem como santo um rabino judeu de nome Shalom o qual faleceu na cidade de Manaus no início do século XX, e qual muitos fazem suas preces a ele, conforme relatado por muitos, portanto houve milagres deste rabino, conhecido como santo. O rabino ShalomMuyal que faleceu em Manaus, que tanto pelos judeus como pelos católicos virou o "Santo Milagreiro". No Amazonas, ocorre um fenômeno bem atípico que une duas crenças: Muitos católicos atribuem a realização de milagres e cura à um judeu.

Pode-se perceber que há um sincretismo religioso e não se sabe o porquê, porém constata que há vários santos católicos no cemitério São João Batista e um deles é tanto de judeus como dos católicos, como descrito pelo Rabino ShalomMuyal de maneira que não se sabe explicar qual a origem que tiveram esses cultos, ou foi iniciado pelos judeus e adotados pelos católicos da população local.

Sendo assim, um dos elementos na cidade de Manaus que gerou a transformação e as influências foi o rabino ShalomMuyal, tanto para os católicos como para os judeus.

(...) Rabino ShalomMuyal da cidade de Manaus, que foi enterrado no cemitério católico tornou-se alvo de veneração, tanto por parte dos judeus como por parte dos católicos, ou ainda, o culto doméstico dos tzadikim, e a valorização das famílias que possuíam tzadikim em sua genealogia (LINS, 2010, p. 139).

O sincretismo religioso é bem presente, pois os católicos têm como santo um judeu que não é da mesma religião e possui as mesmas origens. Entretanto, os judeus também têm como santo (tzadik), o rabino por ter feito muitos atos bons em vida, e os católicos tem o mesmo, mas com uma visão diferente de milagreiro. As duas religiões fazem suas orações diferentes, pois conforme os judeus eles rezam em memória do falecido e da sua elevação. Por outro lado, os católicos rezam em busca de conseguir milagres, fazendo promessas ao santo.

E que conforme Almeida (2011), para os judeus, Shalom Muyal é o exemplo de conciliação e de bom relacionamento entre as religiões no Brasil. Esse limite de crenças levou hoje essas transformações na cultura amazônica e influenciou nas crenças católicas de um novo santo judeu.

## **CAPÍTULO 4: AS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS E A TERRITORIALIDADE DOS JUDEUS NO ESTADO DO AMAZONAS, AMAZÔNIA OCIDENTAL**

Neste quarto capítulo aborda as representações culturais e a territorialidade dos judeus no estado do Amazonas na Amazônia ocidental, destacando sobre a religião que é constituída pelo judaísmo e é uma das três principais religiões monoteístas, ou seja, a religião é o seu modo de vida o destaque do judaísmo é diferenciado das outras religiões, pois a sua filosofia consiste em manter diversos hábitos culturais e a prática do judaísmo em qualquer parte do mundo.

Sobre a culinária é importante falar que a cultura desse povo se deu por caminhos dos judeus através da culinária em diversos países especialmente no Marrocos, alimentos judaicos são extremamente rígidos e precisam seguir a lei judaica quando se fala em alimentos devem ser ingeridos e feitos conforme a cultura determina.

Ainda neste capítulo será abordado sobre economia dos judeus, que é destacada pelo comércio diversificado espalhadas pelo mundo. E para aguçar a curiosidade será relatado sobre o papel e a representação das mulheres na cultura judaica, onde a família vem da mulher, pois para o judaísmo a mulher possui um papel central e de extrema importância, pois é ela quem transmite a cultura para os filhos, ou seja, a participação familiar é um fato importante na cultura dos judeus.

### **4.1. Religião**

O Judaísmo é uma das três principais religiões monoteístas, e a mais antiga monoteísta que se tem registro, ou seja, é a religião e modo de vida do povo judeu. Dentre vários ramos do judaísmo Sorj (2008), destaca o judaísmo moderno que corresponde aos diversos esforços de traduzir a tradição judaica rabínica em conceitos e valores da modernidade.

*Esta tradução não foi somente intelectual, mas também fundamentalmente prática. Significou o abandono da auto-organização e a autonomia cultural e judiciária dos judeus que o rolo compressor do Estado moderno não podia suportar. Os vícios judaicos, hábitos alimentares repulsivos, misantropia, eram generosamente explicados como se fora efeito do isolamento a que foram condenados. A integração da sociedade permitiria uma rápida "regeneração" do povo judeu (SORJ, 2008, p. 1).*

O destaque que o judaísmo é diferenciado das outras religiões, pois uma filosofia que mantêm diversos hábitos culturais distintos dos demais, porém teve que se habituar a modernidade como outras religiões se habituaram. Mas isso não muda o fato de se praticar o judaísmo em qualquer parte do mundo, sendo assim, a prática se revigora e perpetua a diversas gerações, e que o judaísmo é capaz de conviver e se transformar sem deixar suas práticas, e assim passando para os seus filhos de geração em geração, tanto seus costumes, tradições e

religião ao longo do tempo e espaço, e na região amazônica, e no estado do Amazonas não foi diferente.

Figura 5: SeferTorah



Fonte: Zeitune, Pinchas (2016).

E o que é ser judeu? É uma pergunta legítima, pois Benchimol (2008) cita que é muito difícil ser, viver e ficar judeu em qualquer parte do mundo, e, sobretudo, na Amazônia. O judeu não é algo simples, mas culturalmente tem a sua cultura associada ao seio da família. Destaca-se que ser judeu é nascer de uma mãe judia ou conversão, assim com leis restritas e rigorosas do judaísmo.

Ser judeu implica ser filho de mãe judia, segundo a Hallacha (lei judaica), ou identificar-se com o judaísmo por algum rabino segundo as restritas leis religiosas do judaísmo ortodoxo (BENCHIMOL, p. 175, 2008). Viver judeu sempre foi difícil também porque o judaísmo ortodoxo impõe uma série de restrições e disciplinas aos seus adeptos, que são difíceis de serem cumpridas e que exigem renúncias e sacrifícios pessoais (BENCHIMOL, p. 179, 2008).

O judaísmo sempre foi diferenciado por abordar diversas leis e costumes, trazidos de geração a geração pelas tradições, ou seja, a religião judaica demanda de prática e da vivência dessas leis e costumes. Nesse sentido, são elencadas algumas das práticas principais judaicas:

Tabela 2: Principais Práticas Judaicas

<b>RoshHashaná</b>	Ano novo judaico conforme o calendário judeu lunar
<b>Beritmilah:</b>	No oitavo dia de nascido, a criança judia é submetida à circuncisão, para integrar a aliança de Abraham Avinu.

<b>Kasher</b>	Comer comida Kasher segundo as leis do Kashrut (da pureza dos alimentos conforme descrito no Levítico),
<b>Taanits(jejuns)</b>	Fazer os taanits (jejuns) de Gedaliá,yomkippur (dia do perdão), Jejum 10 de tevet, jejum 17 de tamuz, de Av e entre outros.
<b>Shabat</b>	Não trabalhar no sábado, pois é o dia de descanso.
<b>613 mitzvots</b>	São os 613 preceitos e mandamentos, da Torahque devem ser cumpridos
<b>Kadish</b>	Uma prece especial dita regulamente, em enterros e memórias de um falecido.
<b>Sukot</b>	Festa das cabanas
<b>SheminiAtseret/Simchat Torá</b>	O Oitavo dia de Sucot é uma festa por si só, chamada SheminiAtseret. Em Israel esse dia também é conhecido como Simcat Tora, o encerramento da leitura da Torah. Fora de Israel comemora-se oSimchatTorah
<b>Hanuká</b>	Festas das luzes, onde ouve um milagre.
<b>Purim</b>	A defesa dos judeus contra o opressor, e o salvamento divino e a alegria do povo judeu na época do império persa.
<b>Pessach</b>	Páscoa judaica, celebra a libertação dos hebreus da escravidão no Egito.

Fonte: Livro Conceitos Judaicos, 2022.  
Organização: Mauricio Marinho, 2022.

Conforme a Tabela 2, a religião judaica sempre foi forte em todos os lugares que passou e, com ela, a prática de suas principais festas engloba suas tradições, assim como seus costumes, além disso tem-se seus jejuns e orações e cada festa tem o seu significado para os judeus ao longo da história.

#### 4.2. Culinária

A culinária é também relacionada a cultura de um povo, e através dos tempos é narrado o caminho dos judeus através da culinária em diversos países e especialmente no Marrocos, os judeus apesar de dispersos pelos quatro cantos do mundo, mantêm-se suas tradições.

Os alimentos judaicos são extremamente rígidos seguidos pela *Halacha*, lei judaica, a qual fala sobre os alimentos que devem ser ingeridos e feitos. E conforme Cultura (2022) as leis de cashrut determinam o que é permitido dos alimentos e o que é proibido comer (taref). E a preparação dos alimentos segue as leis rígidas, e especialmente da não mistura de carne e leite, e também que não se deve consumir o sangue de animais.

As alimentações se mantêm presente em várias festividades religiosas, e seguem os costumes de determinadas comunidades ao longo da história.

A mesa tem um lugar fundamental nas festas religiosas. Os preparativos para o Shabat são basicamente referentes à comida. O prato principal do Shabat é o hamin, também conhecido, entre os judeus marroquinos, com o nome de adafina ou "coisa quente". Este prato, que tem como ingredientes básicos ovos cozidos, grão de bico e carne, exala um aroma especial já desde a véspera do dia sagrado, quando é lentamente preparado, já que no Shabat não se cozinha. Os judeus ashquenazim têm um prato

semelhante para o Shabat. Trata-se do tchulent, um grande cozido de feijão branco, galinha e carne de peito, entre outros ingredientes. Na véspera de RoshHashaná é costume preceder a refeição da família com alimentos simbolicamente selecionados, devido à conotação sugerida pelo nome da festa. RoshHashaná, começo do ano, requer que sejam feitas bênçãos sobre legumes e frutas: maçã, romã, tâmara, feijão, alho poró, acelga e também sobre a cabeça do peixe ou do carneiro (CULTURA, 2022).

A muitas festividades no judaísmo como determinados significados, além do shabat, RoshHashaná e o YomKippur que segundo a Morashá (2022) é o Dia do Jejum, a qual determina a proibição de ingerir qualquer alimento ou bebida. Mas a festa começa e termina com uma refeição festiva. A que precede o jejum é geralmente leve, à base de frango, sem bebida alcoólica ou temperos fortes, como pimenta e canela, que provocam sede. A refeição que antecede o jejum de YomKipur é considerada tão essencial quanto o próprio jejum do dia seguinte.

O jantar que o quebra geralmente é suculento. Come-se de tudo, salgados e doces. Antigamente a refeição era à base de carne, sopas e aves. Hoje a tendência entre algumas comunidades é preparar uma refeição predominantemente à base de leite, mais leve. A de se perceber que a culinária variou depois de anos, pois com antecedência do jejum era composta por alimentos mais pesados e hoje são leves e suculentos como os doces para reaver mais ânimo. Percebe-se em seguida uma tabela com os alimentos de outras festividades:

Tabela 3: alimentos e suas festividades judaicas

<b>Sucot</b>	Nas mesas, colocam-se pratos de salgados e doces durante sete dias seguidos
<b>Purim</b>	É costume beber muito vinho, jogar jogos de azar e usar fantasias coloridas. Em Purim é costume dar e receber mishloachmanot doces e outras guloseimas.
<b>Pessach</b>	A matzá, ou pão não fermentado, é o alimento característico da comemoração e os judeus, mesmo as crianças, abstêm-se de comer pão e outros alimentos fermentados durante toda a festividade.

Fonte: Cultura, Morashá, 2022.

A culinária é extremamente diversificada, mantendo as tradições religiosas, sendo assim é importante destacar que cada alimento tem o seu significado em determinada festividade hebraica, e assim levando ao longo da história, suas ressignificações. Principalmente no prato marroquino, a diversidade era bastante, pois os pratos eram todos eles adaptados a cultura amazônica e tiveram por base as tradições marroquinas. Os Sefaraditas que migram para o Amazonas se adaptaram rapidamente.

Segundo a Guia do Nômade (2022), "o Marrocos é um dos países mais imperdíveis da África, tanto pela riqueza cultural quanto pela gastronomia única. As comidas típicas do



Marrocos sintetizam a interação que o país, e sua cultura, tem e teve com o Mediterrâneo, o Mundo Árabe, a África Subsaariana, a Península Ibérica e até mesmo com a França".

E essa cultura é trazida para a Manaus através das festas e culturas do povo judeu, que apresenta diferentes combinações de sabores, que são características das receitas marroquinas, (Figura 6 e 7), e sobre os temperos utilizados, se tem dezenas de especiarias, muitas oleaginosas e frutos secos, assim como carnes e peixes, com azeite e mel, que também são importantes na gastronomia do Marrocos. E ainda tem o Hortelã, a salsinha e o coentro que ainda segundo a Guia do Nômade (2022), estão presentes em todas as casas

Figura 6: Couscous Marroquino



Fonte: Receita e Culinária, 2022.

Segundo Cultura (2022), a diversidade, ao contrário dos pratos ashquenazitas, relativamente semelhantes entre as várias comunidades, a cozinha sefaradita é extremamente variada e regional. Os judeus adotaram o tipo de comida dos países nos quais viviam, mantendo sempre um toque pessoal e um sabor singular que os diferenciava dos demais. A cozinha sefaradita difere de um país para outro e, às vezes, até de uma cidade para outra. Há, no entanto, uma certa unidade na preparação dos pratos encontrados em várias regiões do mundo sefaradita.

Figura 7: Tageni Marroquino



Fonte: Guia do Nômade (2022).

A pluralidade gastronômica judaica mostrou que engloba raízes, as quais socializam em determinado lugar com outros pratos, e assim construindo significados e valores ao longo do tempo para os judeus de origem marroquina.

#### **4.3. Economia**

Os judeus por onde passaram na diáspora sempre trabalharam em várias atividades, dentre elas destaca o comércio, criando várias redes pelo mundo. Na Amazônia esse processo se tornou bem evidente, destacando-os como regatões, guarda-livros, vendedores de todos os tipos de bugigangas. Então, observa-se o destaque dos marroquinos pelo seu trabalho como compradores e revendedores.

Os judeus sempre foram perspicazes no trabalho, Atalli (2003) cita que no exílio, não se pode viver do maná, como no deserto, nem do dízimo, como os sacerdotes do Templo. Ninguém, nem mesmo os rabinos ou os juízes, tem o direito de viver sem trabalhar. O trabalho está ligado junto ao estudo, ou seja, os dois não se separam, então há de se estabelecer um laço culturalmente ao longo do tempo no judaísmo.

Sobre uma representação da economia judaica em Manaus se tem uma empresa que há 75 anos, atua na localidade, um pouco sobre a historicidade se sabe que os filhos de Isaac Benchimol, que é um migrante hebreu cuja família viera do Marrocos, no Século XIX, em mais uma busca das promessas de prosperidade e liberdade, dessa vez amazônica e fundaram a Bemol (AMAZÔNIA REAL, 2017). Loja de grande destaque econômico no contexto do estado do Amazonas que é parte da demarcação da territorialidade judaica.

#### 4.5. Papel e representação das mulheres na cultura judaica

O sucesso dos filhos e da família vem da mulher, pois no judaísmo a mulher possui um papel central e importante, pois é ela que transmite a cultura para os seus filhos, ou seja, a participação familiar sempre foi importante para os judeus. Percebe-se ainda o papel da família: forte e coesa no âmbito particular de casa.

Essa força e coesão familiar nós vamos encontrar nas comunidades de migrantes de um modo em geral, e em especial entre as famílias judaicas que migram por motivos de pobreza, perseguição, discriminação e vão em busca de oportunidades de trabalho, horizonte e perspectivas de progresso economicamente e familiar em outros países. Este caso se ajusta ao padrão dos judeus sefaraditas/forasteiros marroquinos que migraram para Amazônia no princípio do século XIX (BENCHIMOL, 2008, p. 168).

O papel e representação da matriarca da judia se destaca na cultura judaica, pois embora o judaísmo seja patriarcal, a representação feminina no espaço familiar e/ou do lar é matriarcalista. Como afirma Nogueira, (2015) a importância da mulher na vida judaica, ou seja, no lar e na sinagoga é de suma importância para a educação religiosa e dos valores para os filhos. Esse papel sempre será o da tutora que ensina de todas as formas dentro dos lares, a religião, a cultura, a forma do viver judeu para seus filhos.

As mães judias sempre tiveram esse papel de destaque como vemos e um papel bem assegurado da educação de dedicar os seus filhos aos estudos. Pode-se afirmar que as mulheres judias têm e sempre tiveram um papel forte no seio da comunidade judaica em geral, principalmente marroquina, pois sempre detiveram a instrução para com os seus filhos de tutoras, enquanto os seus companheiros saíam para promover o sustento da família. Por outro lado, essa relação de gênero difere de outras culturas, aonde a figura feminina apresenta empoderamento na vida social, política e nas relações trabalho, condenando a condição de subordinação, subjugação e inferiorização articulado pelo sistema patriarcal (masculinidade), que promove o controle do território dos corpos femininos.

Mas o papel da mulher na cultura judaica está de acordo com o que rege a sua própria cultura, que aos olhares de outras culturas onde a mulher se apresenta empoderada e protagonista de sua própria história, a representação da figura feminina judaica podem se tornar estranhas do ponto vista de outras culturas, considerando as suas relações sociais, familiares, religiosas e da sua organização política. Vale ressaltar que na Amazônia elas tinham:

Outro motivo a considerar, nessa busca de interpretação do sucesso familiar judaico, na região, se deve às mulheres e mães judias (**mamita** sem haquitia, para sefaraditas, **idiche-mame** no dialeto dos askenazitas), que além de serem grandes parideiras, eram mulheres que defendiam a integridade do seu lar e tinham uma dedicação extremada pela educação dos filhos. Elas iam ao limite de vender todas as suas jóias e entregar toda a sua economia para que os seus filhos fossem bem-educados nas melhores escolas de todos os níveis.

Eram responsáveis , também, pela manutenção das tradições religiosas, da observância do descanso do Shabat (sábado), da pureza dos alimentos kasher (observância das leis da kashrut do levítico sobre o que se pode e não se deve comer), a preparação das festas e cerimônias religiosas de Hosh- hashaná (ano-novo), YomKipur (dia do perdão), Shavuot (festa da lei), Sucot (festa das cabanas), Purim (dia da sorte e salvação pela rainha Esther), Hanuká (festa das luzes dos macabeus) e pela preparação do bar-Mitzvá (cerimônia de confirmação e integração dos jovens aos 13 anos), sem falar na cerimônia do Berit-Milah (circuncisão), que marca a aliança com o patriarca Abraham, o que constitui penoso sacrifício para as famílias que moravam no interior distante, onde não havia **mohel** (profissional que faz a circuncisão)".(BENCHIMOL, 2008, p. 169 e 170)

Pode-se ver que as mulheres judias detêm um importante significado no seio da família judaica, pois sua territorialidade e cultura qualifica uma tipologia e um conjunto de comportamentos e valores específico desse grupo. Sendo assim, no âmbito familiar é constituído o papel de destaque da figura feminina judia, as quais as mulheres trabalham e participam ativamente na formação e na transmissão da educação judaica para com a unidade familiar.

Até nas manifestações religiosas a presença feminina judaica se destaca, pois só é judeu nascidos de mãe judia ou pela conversão. Segundo Nogueira (2015) é a posição da mulher na sociedade judia foi definida em todos os seus detalhes no *Talmude*. Na sociedade contemporânea, percebe-se que as atividades das mulheres judias sofreram modificações relevantes, por conta das discussões políticas e sociais que envolviam a sociedade envolvente e outras culturais.

Os papéis e as atividades mudaram consideravelmente com relação àquelas exercidas no passado, quando as mulheres trabalhavam em casa, organizando a estrutura familiar, cuidando dos filhos, dedicando-se à cozinha e às receitas antigas. Apesar de as comunidades judaicas ortodoxas esforçarem-se para manter o máximo de proximidade com a manutenção da cultura de forma tradicional, as comunidades conservadoras e reformadas inseriram muitas modificações no estatuto legal da religião e, conseqüentemente, nos papéis sociais de homens e mulheres.

A estrutura, como se observa, vem da mulher todo esse papel, e em relação ao progressofilosófico do mundo atual, o qual o judaísmo adotou mais recentemente o tradicional e reformista.

Mas de maneira geral ainda cabe à mulher judia a tarefa de santificar o lar e manter o comportamento no âmbito da sinagoga. O lar é a representação máxima da manutenção da tradição judaica, e é nele que são desenvolvidos os rituais que caracterizam a religião e implicam perpetuação do grupo (NOGUEIRA, p. 98, 2015)

O papel das mulheres no judaísmo até na contemporaneidade e pelas conquistas feministas nunca será anulada, pois sempre coube a ela um papel mais central na família e até no processo da educação formal (estudos). Portanto, todos esses conjuntos de valores são

fundamentais para a tradição judaica e o desenvolvimento de seus rituais, pois sem elas não existem judeus e nem a manutenção de seus valores culturais, identitário e de suas tradições, resultado de sua territorialidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato dos judeus de terem migrado para a Amazônia, foi pela falta de oportunidades e por perseguições religiosas e étnicas na Espanha e Portugal, e logo após no Marrocos, por ser um país pobre, e de diferenças étnicas, que não dava oportunidades para todos, houve uma expulsão indireta, já que 400 anos atrás houve na Espanha e Portugal uma expulsão direta, ou seja, houve uma desterritorialização, portanto todos os judeus deveriam se converter para ficarem no território ou sair se não quisessem.

Entretanto, os judeus perseveraram, e abriu-se uma nova porta, quando os portos brasileiros foram abertos, e assim surgiu uma nova oportunidade de vida para estes judeus que tanto sofreram, tanto na Espanha e Portugal, e posteriormente no Marrocos. E assim, nesse processo de desterritorialização ouvir o processo de reterritorialização, pois os judeus haviam descoberto uma terra sem males, a qual denominaram de eretz Amazônia, sendo assim eles não só queriam fugir da falta de oportunidades, desemprego e perseguição, mas queriam uma nova vida, onde teriam mais liberdade, emprego e desenvolvimento para o futuro dos seus filhos, essa foi as razões dos imigrantes sefaraditas terem migrado para a Amazônia.

E depois disso, há também o destaque dos judeus na Bellé Epoque no nosso Estado do Amazonas, porque foram os pioneiros em se destacar no social e no âmbito econômico, logo à sua chegada, pois adentraram rio adentro e trabalharam por longos tempos para o seu crescimento e também podemos descrever suas origens do comércio, sua cultura educacional e religiosa por terem esse destaque na economia gomífera.

Logo após isso, houve a crise e a quebra da economia da borracha, assim o destaque passa os judeus nascidos na Amazônia e netos dos marroquinos, destaque esse nas capitais, pois a razão de terem saído dos interiores foi da grande depressão econômica que assolou aquela época, e, portanto, buscando novas oportunidades nas capitais para a sua família. E não só isso, mas conseguindo seu fator cultural como as sinagogas em Manaus, clubes e associações econômicas, e assim mostrando o grupo coeso culturalmente e religiosamente, pois suas tradições por onde iam traziam consigo seus costumes e ritos. Então os judeus também foram influenciados pela cultura local, acerca da culinária, como as especiarias locais, e as adaptando com seus costumes.

Há de se perceber o ressignificado dos judeus com a população local, pois não houve tantos incidentes o suficiente para ter tal perseguições, mas sim harmonia entre os judeus e a população local, destacando-se entre várias culturas, e tornando-se amazônidas. E até destaca-se a coesão das culturas no século XX e início do XXI com os católicos com o santo judeu Shalom Nuyal, rabino falecido em Manaus que modificou a realidade local, e que mostrou a

associação cultural que a população demonstrava com um rabino que nem se quer era católico. E percebe-se a coesão cultural e as misturas das duas culturas e a mudança que o grupo hebraico trouxe para a Amazônia, tanto no âmbito econômico, cultural e social.

No contexto abordado, foi possível discutir sobre uma das três principais religiões monoteístas, e a mais antiga monoteísta que se tem registro, onde o judaísmo se destaca como o moderno que corresponde aos diversos esforços, o que foi abordado também foi sobre a culinária, que se desenvolve através dos tempos, em que se narra o caminho dos judeus através da culinária, devido eles terem passado por diversos pontos, e mesmo assim se mantém as práticas da cultura na culinária sem deixar de lado as tradições.

E sobre a economia abordada, devido esse contexto de presença em várias localidades, o povo judeu, sempre trabalharam em várias atividades no ramo do comércio, e aqui no estado do Amazonas, mais especificamente em Manaus, não é diferente, a rede de lojas Bemol está consolidadas e se destaca na região, se tornando assim uma forte fonte de renda para a população na cidade e nas redondezas e regiões metropolitanas.

E assim na atualidade sobre a cultura, sabe-se que é bastante discutida, principalmente no que tange aos processos históricos de diferentes povos. E, na Amazônia, esse processo da inserção da cultura judaica no estado, modificou e ressignificou a cultura amazônica. A cultura sempre foi determinante para todos os povos, e principalmente para os judeus, os quais as suas diversas manifestações culturais e religiosas, cristalizam suas práticas das tradições e de fé, sendo narrando o fator histórico na referida monografia.

## REFERÊNCIAS

- ATALLI, Jacques. Os judeus o dinheiro e o mundo. Futura. São Paulo, 2003.
- ALMEIDA, Maria. **A imigração judaica no Amazonas**. Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente. Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC, PPGH, 2011.
- LOPES, Alfredo. **Amazonas Atual: BEMOL 75 ANOS, A SAGA DA RESISTÊNCIA**. Agosto, 2017. <https://amazonasatual.com.br/bemol-75-anos-a-saga-da-resistencia/>
- BENCHIMOL, Samuel. **ERETZ AMAZONIA: os judeus da amazonia**. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2008.
- BENCHIMOL, SAMUEL. **Amazônia Formação Social e Cultural**. 3. ed. Manaus:, Editora Valer, 2009.
- BENTES, Abraham Ramiro. **Ruínas de Jerusalém**. Rio de Janeiro: Bloch, 1987.
- BENTES, Abraham Ramiro. **Os Sefaradim e a Hakitia**. Belém, Mitograph Ed, 1981.
- CANEVACCI, Massimo. **Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais**. São Paulo: Studio Nobel. 1996.
- CLAVAL. Paul Charles Christophe. **GEOGRAFIA CULTURAL: UM BALANÇO**. Revista geografia , Londrina. V. 20, n 3, p. 005-024, set/dez. 2011.
- CULTURA, Instituto Morashá de. Edição 39. São Paulo - Dezembro 2022
- DAVID SALGADO. Portal Amazônia Judaica. Mimona, a Noite da Fé. 2022. Disponível em: <https://www.amazoniajudaica.com.br/2019/08/23/mimona-a-noite-da-fe/>
- DIGITAL, Guia do Nômade. O melhor da culinária marroquina. Brasil, 2022.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, A. C. **Territorialidade e desenvolvimento contemporâneo**. *Revista Nera*. Ano 7, n. 4, jan./jul. 2004.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v.22, n. 2, 1997.
- HAESBAERT, R. **Identidades territoriais**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: edUERJ, 1999. p. 169 – 190.
- HAESBAERT, R. Território e Multiterritorialidade: Um debate. *Geographia* -Ano IX - Nº 17 - 2007. Rio de Janeiro.
- LANGDON, Esther Jean; WIIK, Flávio Braune. **Antropologia, saúde e doenças: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 18, n. 3, p. 173-181, 2010.
- LAKATOS, Eva. Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Sociologia Geral**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- LINS, Wagner. **A mão e a luva: judeus marroquinos em Israel e na Amazônia; similaridades e diferenças na construção de identidades étnicas**. [manuscrito]. São Paulo, 2010.



- MARANDOLA, Eduardo. **Migração e Geografia**. R. Brás. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 245-247, jan./jun. 2011.
- MARTINS, Isis do Mar Marques. **Por um a geografia das migrações: estratégias de mobilidade e permanência em migrantes haitianos**. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.
- MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 9, n. 3, p. 237-248. 1993.
- NOGUEIRA, Dina Paula Santos. **IDENTIDADE E TRADIÇÃO: Um estudo sobre as mulheres da Comunidade Judaica de Manaus**. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.
- PERES, Elena Pájaro. "Proverbial Hospitalidade"? A Revista de imigração e Colonização e o discurso oficial sobre o imigrante (1945-1955). *Revista acervo Rio de Janeiro*, V. 10, No 2: 1997, p. 5-98.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.
- RODRIGUES, Donizete; OLIVEIRA, Liliane. Yehudei Amazônia: Vivências, práticas religiosas e representações simbólicas. *Rever*. São Paulo. V. 20. N. 1, Jan/Abr 2020.
- SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma abordagem territorial**. Colegiado de Geografia da Unioeste. Paraná, 2009.
- SORJ, Bernardo; GRIN, Mónica. Judaísmo e Modernidade: Metamorfose da tradição Messiânica. Centro de pesquisas sociais. Rio de Janeiro, 2008.
- SPOSITO, Eliseu S. *Geografia e Filosofia*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- SPOSITO, Marcos Aurélio. *Territórios e Territorialidades: Teorias, Processos e Conflitos*. 1º Ed. Editora Expressão Popular. São Paulo, 2009.
- VELTMAN, Henrique. *Os hebraicos da Amazônia*. Março, 2015